

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

GISELE ARAUJO DE LIMA

PRÁTICA INFORMACIONAL DE MULHERES NEGRAS: ASPECTOS DA BUSCA POR
TRANSIÇÃO CAPILAR

Rio de Janeiro

2018

GISELE ARAUJO DE LIMA

**PRÁTICA INFORMACIONAL DE MULHERES NEGRAS: ASPECTOS DA BUSCA
POR TRANSIÇÃO CAPILAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Marianna Zattar

Rio de Janeiro

2018

L732p Lima, Gisele Araujo de
Prática informacional de mulheres negras: aspectos da busca por transição capilar. / Gisele Araujo de Lima - Rio de Janeiro, 2018.
71 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

Orientação: Marianna Zattar.

1. Prática informacional. 2. Fontes de informação. 3. Competência em mídia e informação. 4. Mulher negra. 5. Cabelo crespo. I. Zattar, Marianna. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

CDD 025.5

GISELE ARAUJO DE LIMA

**PRÁTICA INFORMACIONAL DE MULHERES NEGRAS: ASPECTOS DA BUSCA
POR TRANSIÇÃO CAPILAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 2018.

Profa. Dra. Nysia Oliveira de Sá

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Juliana Horta de Assis Pinto

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Dra. Marianna Zattar (orientadora)

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A todas as Marcias, Jorgetes, Izaltinas, Rosas e Marielles existentes mundo afora. Que a força de vocês reverbere e nenhuma mulher deixe de lutar pelo que acredita.

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, Marcia, por ter me mostrado desde a infância todos os referenciais básicos sobre luta, determinação, dedicação e resistência através do afeto.

À minha irmã do meio e mini cópia com *upgrade*, Dedé, por ser a melhor ouvinte e crítica possível, mesmo tendo que recorrer a um dicionário em grande parte do tempo para entender o significado das palavras esquisitas e difíceis que lhe apresentei. Por participar dos meus projetos e loucuras criativas com o maior prazer do mundo. Por me lembrar todos os dias de algum modo sobre a importância da competência em informação para as gerações que já vieram e para as que estão por vir.

Aos meus avós, Ivail e Jorgete, por todo o carinho, apoio, afeto e motivação oferecidos desde o berço. Pelos comentários admirados e curiosos sobre minha pesquisa do início ao fim.

Aos meus primos, amigos próximos e demais parentes, por compreenderem as ausências e ouvirem pacientemente todo devaneio que surgiu em cada fase deste trabalho.

A Gabriel Teixeira e Beatriz Azevedo, por acompanharem todas as leituras, *insights* e inseguranças de pesquisa ao meu lado nesta reta final com tanto carinho.

A todos os companheiros de estudos e conversas dentro e fora de sala de aula com os quais divido sonhos, projetos, carinho, admiração e afetividade recíproca: Tamiris, Gabriel Guimarães, Gabe Anart, Eli, Keison, Guará (vulgo Thiago Ribeiro), Isadora, Luan (Tibério), Alice Idália, Ileana e Victor Hugo (Tibico).

Às integrantes do melhor colégio invisível de toda uma graduação e que seguem me inspirando todos os dias: Ellen, Renata, Bruna e Áquisa. A vocês sou eternamente grata. Obrigada por fazerem os dias de graduação serem uma época tão prazerosa e alegre.

Às minhas amigas espalhadas pela cidade e pelo país que, mesmo distantes, deram suporte cuidadosamente desde o início e se empolgaram comigo a cada fruto novo deste estudo: Karina Araújo, Dylan Torres, Elisa Monteiro, Yamê Oliveira, Letícia Biondi, Nicolle Parra, Giovana Martins, Victor Dourado, Rodrigo Oliveira, Bianca Antônio e meus amigos dos grupos *This is The Place*, *Seriezetes* e *Facas na Bota*, sendo este último o responsável pelo início das minhas leituras e discussões sobre feminismo e questões raciais.

A todo o corpo de professores e alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Superior pelas trocas enriquecedoras até aqui. Meus agradecimentos especiais àqueles que de alguma forma contribuíram e incentivaram as reflexões de uma mente curiosa.

A Maribel Suarez, por toda atenção, incentivo e boas vibrações emanadas a cada choque criativo em um ano de intensas pesquisas. Por dar apoio e tudo que pensei dentro e

fora da Iniciação Científica, alinhando pensamentos sobre estudos em consumo e Biblioteconomia. O bichinho da pesquisa que habita em mim saúda o bichinho da pesquisa que habita em você.

Aos colegas de trabalho e estudo do Instituto COPPEAD de Administração e do Centro de Estudos em Consumo pelos *insights* diários durante cafés, pesquisas e discussões interdisciplinares dos assuntos mais inusitados, curiosos e profundos. Destaco aqueles que me geraram reflexões complementares do início ao fim desta pesquisa: Thaysa Nascimento, Camila Teixeira, Roberta Campos, Letícia Casotti, Ana Miranda, Ana Raquel, Luiz Antônio, Camila Braga, Claudia de Gois, Amábile Grillo, Jorge Antunes, Rogério Moreira, Kleide Nascimento, Leonardo Vidal e Rafael Cardoso.

Ao trio de bibliotecárias que teve papel fundamental nesta jornada biblioteconômica e me apresentou competência em informação quando eu nem fazia questão do quanto poderia me apaixonar por esta temática: Leni Rodriguez, Tatyane Valdez e, principalmente, Ana Lúcia Gonçalves. Parte de vocês estará sempre comigo.

Um agradecimento especial à minha orientadora e fada madrinha, Marianna Zattar, por acreditar no meu potencial desde o início e topar toda essa aventura a meu lado. Por toda a sua dedicação, afeto, companheirismo e incentivo que me deram motivação a cada palavra e ideia dividida antes mesmo de dar vida a este estudo. Pelas trocas maravilhosas dentro e fora de sala de aula e por dividir toda a admiração por competência em informação comigo. Obrigada por me apresentar esse universo de estudos tão apaixonante e entusiasmante. Meu maior exemplo de serendipidade, empatia e humanidade nesta graduação veio de você. Como diria Tiê: te valorizo!

Às grandes contribuintes sobre trajetórias capilares e devaneios literários que dividiram discussões e referenciais sobre identidade, representatividade e muitas outras temáticas lindas comigo: Juliana Assis, Laís Mariano, Bianca Antônio, Isadora Gabriela, Maria Cláudia Reis e algumas queridas do grupo de Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional. Há um pouco de cada uma de vocês aqui, de coração. Obrigada pelas contribuições e devaneios por mensagens que ajudaram a pensar e repensar este trabalho várias vezes.

Quente que nem a chapinha no crespo
Não, crespos estão se armando
Faço questão de botar no meu texto
Que pretas e pretos estão se amando
Quente que nem o conhaque no copo
Sim, pro santo tamo derrubando
Aquele orgulho que já foi roubado
Na bola de meia vai recuperando
(SAPIÊNCIA, 2017)

RESUMO

Este trabalho estuda a prática informacional de mulheres negras em suas buscas na internet por conteúdos relacionados ao processo de transição capilar. Para isso, tem como ponto de partida a possibilidade de desenvolvimento de um estudo no campo de estudos da informação sobre o processo de transformação e ressignificação social de um grupo populacional. Apresenta como referencial teórico as noções de competência em informação (American Library Association) e prática informacional (Savolainen e Roos), trazendo também conceitos sobre identidade e fazendo relações com o cabelo (Ferrari, Assis, Hall, Gomes, D'adesky, Silveira e Synnott). Indica o público participante dos grupos “Encrespando por Meninas *Black Power*”, “Meu cabelo Tipo 4 Natural” e “Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional” no Facebook na formação do campo de pesquisa. Utiliza como metodologia a abordagem descritiva de caráter observatório a partir da análise de conteúdo dos dados coletados por meio de um questionário eletrônico. Mostra, como principal resultado, que existe certa padronização das terminologias utilizadas na busca por informações e que a comunidade não só compreende as mídias sociais como fontes de informação preferidas como as prefere no processo de busca. Conclui indicando a possibilidade de estudos da informação dentro destas comunidades com ênfase em temáticas mais profundas e correlatas apresentadas nos resultados do estudo.

Palavras-chave: Prática informacional. Competência em informação. Mulher negra. Cabelo crespo. Transição capilar.

ABSTRACT

This work studies the informational practice of black women in their searches on the internet for contents related to the hair transition process. For this, the starting point is the possibility of developing a study in the field of information studies on the process of transformation and social re-signification of a population group. It presents as theoretical reference the notions of information literacy (American Library Association) and informational practice (Savolainen and Roos), also bringing concepts about identity and making relationships with hair (Ferrari, Assis, Hall, Gomes, D'adesky, Silveira and Synnott). Indicates the public participating in the groups "Encrespando por Meninas Black Power", "Meu cabelo Tipo 4 Natural" and "Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional" on Facebook in the formation of the field of research. It uses as methodology the descriptive approach of observatory character from the content analysis of the data collected through an electronic questionnaire. It shows, as a main result, that there is a certain standardization of the terminologies used in the search for information and that the community not only understands social media as preferred sources of information but prefers them in the search process. It concludes by indicating the possibility of information studies within these communities with an emphasis on deeper and related themes presented in the study results.

Keywords: Informational practice. Information literacy. Black woman. Kinky hair. Hair transition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Post padrão de divulgação do formulário nos grupos.....	37
Gráfico 1 -	Participantes que declararam participar voluntariamente do estudo	40
Gráfico 2 -	Local de moradia	40
Gráfico 3 -	Faixa etária dos respondentes	41
Gráfico 4 -	Níveis de escolaridade	43
Gráfico 5 -	Sexo	44
Gráfico 6 -	Identificações de gênero	45
Gráfico 7 -	Definições de raça/ cor	46
Gráfico 8 -	Identificações pessoais de raça/ cor.....	47
Gráfico 9 -	Pessoas que buscam informações sobre transição capilar	48
Gráfico 10 -	Pessoas que buscam sobre transição capilar na internet/ web	49
Gráfico 11 -	Fontes mais buscadas	50
Gráfico 12 -	Tipos de conteúdo preferidos pelo público	51
Figura 2 -	Nuvem de termos relacionados a transição capilar	52
Gráfico 13 -	Você procura por alguém específico como autor dos conteúdos?	54
Gráfico 14 -	Importância aferida à data do conteúdo encontrado	55

LISTA DE SIGLAS

ACRL	Association of College and Research Libraries
ALA	American Library Association
AMI	Alfabetização Midiática e Informacional
Brapi	Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação
CIM	Competência em Mídia e Informação
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IVS	Índice de Vulnerabilidade Social
MIL	<i>Media and Information Literacy</i>
MILCLICKS	<i>Media and Information Literacy: Critical thinking and creativity, Literacy, Intercultural, Citizenship, Knowledge and Sustainability</i>
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	PROBLEMA.....	13
1.2	OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO	13
1.3	JUSTIFICATIVA.....	14
1.4	ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO	15
2	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, METALITERACY E COMPETÊNCIA EM MÍDIA E EM INFORMAÇÃO	17
3	PRÁTICA INFORMACIONAL, MÍDIAS SOCIAIS E AMBIENTES DE INTERAÇÃO ONLINE	26
4	IDENTIDADE E CABELO	30
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
5.1	CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA	35
5.2	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	36
6	PRÁTICA INFORMACIONAL DE NEGRAS: ASPECTOS DA BUSCA POR TRANSIÇÃO CAPILAR.....	39
7	CONCLUSÃO	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	64
	ANEXO A – PÁGINAS DO FACEBOOK DOS GRUPOS.....	68

1 INTRODUÇÃO

A chamada era da informação tem demonstrado, a partir dos indivíduos e de suas comunidades, questões e problemas relacionados às demandas informacionais em diferentes contextos. Dentre as problemáticas existentes, podem ser sinalizadas insatisfações de grupos tidos como minorias ao buscar por determinadas informações e não encontrar exatamente o que lhes interessa. Deste modo, estas pessoas podem ver como alternativa o uso de seus conhecimentos para elaborar estratégias de busca, uso, recuperação e disseminação da informação e, assim, satisfazer demandas informacionais pessoais.

A realização de um panorama sobre as mulheres brasileiras permite que seja possível perceber que dentro deste grupo também existem contrastes que mostram a diferença em relação a oportunidades e condições de acesso a recursos básicos oferecidas para mulheres de etnias diferentes. As mulheres negras, por exemplo, podem ser observadas como uma parcela deste grupo que se encontra em desvantagem e ainda desprestigiada em sua fala, como mostra o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) de 2017, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Neste relatório, são apresentados indicadores relacionados à vulnerabilidade e exclusão social apresentando três dimensões na organização de dados coletados: infraestrutura urbana, capital humano e renda e trabalho, permitindo observar os contrastes presentes de acordo com o sexo, etnia e situação de domicílio. No índice é possível observar que as características que salientam desigualdades complexas estão ligadas a fatores sociais, culturais e históricos que ressaltam a assimetria de oportunidades existentes entre negros e brancos. Da mesma forma que também é possível observar que a taxa de vulnerabilidade social para o público negro é maior em relação à população branca, seja de sexo masculino ou feminino. No que se refere a aspectos de mortalidade infantil, taxa de analfabetismo, formação escolar e acadêmica e diversos outros fatores, a parcela feminina da população negra segue ainda mais prejudicada neste nicho populacional.

Nos últimos anos tem sido possível notar um fortalecimento no processo de busca por identificação, valorização e reconhecimento das mulheres negras perante a sociedade. Para exemplificar, é possível apresentar, de forma ilustrativa, dados de um levantamento do Google (2017) que aponta informações sobre as pesquisas realizadas a partir do assunto “transição capilar”, termo cujo significado pode ser definido como o processo de abandono do uso de produtos químicos que alteram a textura natural do cabelo (FERRARI; ASSIS, 2017). A observação dos dados presentes neste relatório revela que o assunto vem sendo bastante buscado no Brasil, tendo um aumento no volume de sua procura nos últimos anos. A

ferramenta do Google responsável pela análise do volume de buscas por termos em seu buscador, intitulada Google Trends, apresentou em seus relatórios a informação de que outros termos relacionados a assuntos focados nos cabelos crespos e cacheados também tiveram aumento significativo no seu volume de buscas durante esse período, mantendo-se estável nos parâmetros de busca. Nesse contexto, diferentes comunidades virtuais e páginas da web vêm abrindo espaço para uma intensa troca de informações sobre dicas, produtos, receitas caseiras, improvisos e tudo mais que ajude a suprir demandas apresentadas pelas mulheres negras em diversos quesitos. Partindo da premissa de que todo e qualquer objeto potencialmente pode ser visto como uma fonte de informação, desde que seja percebida a possibilidade de se gerar algum conhecimento a partir do mesmo (FERRARI; ASSIS, 2017); considera-se também que alguns espaços não tão tradicionais para agrupar informações, tais como as mídias sociais e comunidades virtuais. No entanto, podem ser vistos neste estudo como espaços onde se encontram informações de vários tipos que podem ser consultadas pelo público de acordo com as necessidades apontadas no momento do seu processo de busca e recuperação de informações. Assim, de forma a conjugar as questões relacionadas à visibilidade de uma comunidade específica e a temática de prática informacional, surge a base deste estudo, apresentando os aspectos relacionados ao processo de busca, uso e difusão de informações e de construção do conhecimento sobre cuidados pessoais e todo o processo de redescoberta referente à trajetória da transição capilar, de modo a evidenciar questões específicas sobre a busca pela reafirmação identitária da mulher negra na sociedade.

1.1 PROBLEMA

Este trabalho tem como problema de pesquisa norteador a seguinte pergunta: quais as práticas informacionais das mulheres negras na internet para encontrar informações sobre transição capilar?

1.2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

Este trabalho tem como objetivo geral descrever a prática informacional das mulheres negras em suas buscas sobre transição capilar. Para isso, tem como objetivos específicos:

a) apresentar noções de prática informacional, competência em mídia e informação, *metaliteracy*, competência em informação e identidade;

- b) identificar as fontes de informação utilizadas;
- c) identificar os temas e termos pesquisados;

1.3 JUSTIFICATIVA

Este estudo pretende reforçar o uso dos ambientes de interação online como recursos auxiliares no processo de ganho de competências, troca de experiências, construção de conhecimento e satisfação das necessidades informacionais das mulheres negras. A ideia do estudo nasceu motivada pela vontade de contribuir no processo de transformação social deste grupo a partir da análise de seus percursos e lógicas de busca para recuperar uma informação de seu interesse. Por meio desta motivação o trabalho pretende trazer apontamentos que auxiliem na reflexão sobre tais práticas informacionais das mulheres negras, compreendendo os fatores e as condições que as levam a fazerem determinadas buscas.

O estudo também busca, como contribuições para o campo de estudos da informação, estimular a tomada de ações em prol de um acesso mais democrático à informação e satisfatório para todo indivíduo. Para isso, destaca-se que este tema/ objeto é recente na produção do conhecimento científico e vem sendo pouco abordado tanto na área de Biblioteconomia quanto na de Ciência da Informação em âmbito nacional. Um levantamento feito na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) com recorte temporal entre os anos de 2007 a 2017 sobre a temática de práticas informacionais recuperou 33 resultados. Dos assuntos abordados nestes estudos, os assuntos de predominância tratavam de aproximações da prática informacional com as temáticas de comportamento informacional e estudos de usuários. As abordagens das pesquisas tiveram enfoques plurais, como web semântica, equipes profissionais de instituições/organizações, usuários de redes sociais, obras de literatura policial, produção de café, estudos de gênero, mediação cultural, informação política, games, entre outros. Todavia, nenhuma das produções recuperadas possuíam aplicações referentes às mulheres negras. Do mesmo modo, ao refazer a busca, desta vez utilizando como termo/ palavra-chave mulher negra (entre aspas) na pesquisa, foram recuperados dois estudos, tendo um deles sido publicado no ano de 2009 e o mais recente no ano de 2012. As produções tiveram como abordagem, respectivamente, análise de discurso e memória social. Logo, é possível observar que os estudos da temática nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação podem estudar esse assunto como tema ou objeto ou na formação do campo. No que se refere à temática de práticas informacionais e competência em informação, não foram encontrados dados suficientes que pudessem

comprovar que a abordagem venha sendo trabalhada nos estudos em nível nacional na perspectiva das mulheres negras. Deste modo, o trabalho aqui apresentado se mostra relevante, visto que contribuirá para a apresentação de uma nova lente de observação nestas áreas.

Do ponto de vista pessoal, o estudo se torna importante por abordar um assunto de cunho social que é reflexo de um processo de redescoberta pessoal iniciado no ano de 2015, motivado pelo retorno à aparência capilar natural. Durante os anos de 2013 e 2014, ao surgir o interesse e curiosidade pelo processo de transição capilar buscou-se uma compreensão sobre o processo e sobre as possibilidades de sua aplicação no cotidiano. A partir da busca por informações sobre este processo de retorno à textura natural do cabelo foram encontradas informações em grupos fechados nas mídias sociais com fortes discussões étnico-raciais que se iniciavam abordando a temática do cabelo e, em sequência, se desdobravam para questões mais aprofundadas sobre fatores históricos, sociais e culturais a respeito da mulher negra na sociedade. Ao participar destes grupos e de suas discussões foi percebido que muitas informações ali disseminadas não se encontravam presentes em outros ambientes da internet, assim como também foi constatado que grande parte das próprias participantes dos grupos compartilhavam suas vivências e buscavam construir conhecimento de modo coletivo sempre que possível. Mulheres negras de faixas etárias e localidades diferentes encontravam-se presentes nestes grupos se amparando, dividindo com as demais mulheres todos os conhecimentos que já haviam recebido, buscando palavras de conforto, fortalecimento e reflexão em resposta às críticas sociais recebidas. Mesmo percebendo a grande troca de informações, *links* e comentários motivacionais nestes ambientes, foi possível perceber que o público feminino negro não se sentia tão contemplado, representado e respeitado em momentos distintos de seu cotidiano. Buscando dar voz a este público, surgiu a ideia de enfoque deste projeto, ressaltando que a mulher negra possui necessidades de busca que ainda não são contempladas e que precisam ser trazidas para os estudos, visando reforçar a ideia de que a informação e sua produção não devem ser limitadas a uma parcela específica da sociedade.

1.4 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho se encontra estruturado em sete seções primárias textuais, contando com esta introdução. A segunda seção discorre sobre noções de Competência em informação, *metaliteracy* e competência em mídia e informação. Na sequência, a terceira

seção contextualiza noções de prática informacional, mídias sociais e ambientes de interação *online*. A quarta seção aborda discussões sobre identidade, relacionando com temáticas socioculturais e discussões étnico-raciais. Na quinta seção, são apresentados os procedimentos metodológicos e as informações do campo da pesquisa utilizadas para a elaboração deste trabalho, assim como a técnica adotada para coleta e análise de dados. Na sexta seção se apresenta a análise dos dados coletados, trazendo em seguida as reflexões, conclusões obtidas e considerações a se pensar para estudos futuros. Os elementos pós-textuais são compostos pelas referências, além de dois anexos onde constam informações sobre as páginas do Facebook utilizadas na pesquisa e do questionário aplicado para o público entrevistado.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, METALITERACY E COMPETÊNCIA EM MÍDIA E INFORMAÇÃO

Oriunda do termo *information literacy*, na década de 1970, sendo apresentada pela primeira vez pelo bibliotecário americano Paul Zurkowski, no relatório *The information service environment relationships and priorities*, elaborado em 1974, a competência em informação consiste na habilidade adquirida por um indivíduo a fim de ajudá-lo a resolver suas demandas informacionais de forma independente em determinada situação. Nesse ponto de vista é possível julgar o indivíduo como competente quando o mesmo já possui total autonomia e senso crítico para identificar as necessidades informacionais sozinho, assim como avaliá-las, buscá-las, selecioná-las e usá-las de forma eficaz, eficiente e consciente sob preceitos éticos e legais (DUDZIAK, 2003; GASQUE, 2013). Para que o aprendiz se torne de fato um ser competente no que se refere às questões informacionais, faz-se necessário que desenvolva habilidades relacionadas aos seus modos de busca e satisfação de demandas de informação.

Na mesma década, mais especificamente em 1976, nota-se na literatura uma ampliação da ideia de competência em informação para o processo de tomada de decisão e resolução de problemas a partir da busca, já requisitando certo caráter seletivo e cognitivo. No mesmo ano foi defendido por Hamelink e Owens que a *information literacy* devia ser vista como um instrumento de emancipação política que auxiliaria no melhor exercício da cidadania, visto que ao ter conhecimento de tal informação, o cidadão desenvolveria sua autonomia e conseguiria tomar decisões de forma mais consciente, inteligente e embasada, diferente de outros cidadãos que não tiveram privilégio de acesso ao mesmo nível de informação (DUDZIAK, 2003). Antes do fim da década ainda foi abordada a questão do processo de capacitação em informação, defendendo que um dos requisitos para se adquirir tal competência seria que o aprendiz desenvolvesse habilidades a partir do uso de ferramentas informacionais que auxiliariam na projeção de soluções (DUDZIAK, 2003).

As defesas e acréscimos aos estudos sobre a temática na década de 1980 tiveram influência direta do desenvolvimento das diferentes tecnologias de informação e comunicação, visto que se encontravam em ascensão. Perante as contribuições surgiram estudos, como foi o caso de Breivik, que definiu a *information literacy* como um conjunto de habilidades, conhecimentos, recursos e ferramentas aprendidos e desenvolvidos a partir de determinadas atitudes (DUDZIAK, 2003), apontando também as conexões existentes entre bibliotecas, educação por meio da *information literacy* e seu aprendizado a ser levado ao

longo da vida. Carol Kuhlthau (1987) também contextualizou bases educacionais direcionadas para a temática que buscavam integrar a *information literacy* de forma harmônica ao currículo das escolas e defendiam o acesso aos recursos informacionais dentro das unidades de ensino a fim de apropriá-las às tecnologias de informação e comunicação. Desta forma o universo dos aprendizes estaria em constante e direto contato com a temática, mesmo que de forma involuntária, fazendo com que a *information literacy* pudesse ser aplicada em todos os contextos de estudo. Com esta contribuição, a ideia de busca da informação começou a ser repensada nas escolas, ressaltando as tecnologias de informação como ferramentas de aprendizado que trazem habilidades informacionais a seus aprendizes, quebrando a atribuição restrita desse papel que antes existia e dava credibilidade apenas a itens e ambientes físicos como a biblioteca e materiais científicos bibliográficos (DUDZIAK, 2003).

Nesta mesma década surgiram dois documentos fundamentais para a *information literacy* com enfoques educacionais. O primeiro trazia o conceito da educação baseada em recursos, apresentado por Breivik e Gee (1989), que ressaltava os processos de construção de conhecimento a partir do processo de busca e uso da informação (DUDZIAK, 2003). O segundo tratava-se de um documento desenvolvido pela American Library Association (ALA), trazendo uma das primeiras definições sobre o termo em que foi defendida a importância da *information literacy* para indivíduos, trabalhadores e cidadãos:

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação... Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela (American Library Association – Presidential Committee on information literacy, 1989, p.1 apud DUDZIAK, 2003).

A relevância da definição apresentada pela ALA teve ampla aceitação do termo no campo de estudos da informação a partir da década de 1990 e, a partir disso, diversos marcos surgiram como consequência, tais como programas educacionais que começaram a ser implementados com ênfase na *information literacy* ao redor do mundo e pesquisas do campo também começaram a crescer, principalmente no que se refere a estudos de caso de programas em universidades (DUDZIAK, 2003). Com o *boom* da temática, os profissionais começaram a voltar suas atenções de estudo a fim de se capacitarem e, ao mesmo tempo, serem capazes de repassar essa capacitação e educação a seus usuários. Doyle (1994 apud DUDZIAK, 2003) estabeleceu uma definição sobre a *information literacy* que enfatizava o uso do pensamento

crítico no momento de busca, recuperação e aplicação das informações em toda e qualquer situação. O autor ressaltava que “não se trata apenas de achar a informação, mas usá-la para motivar o aprendiz” (DOYLE, 1994, p.1 apud DUDZIAK, 2003).

O decorrer de todo o período seguiu com variados processos de busca e construção de fundamentações teóricas e metodológicas pertinentes sobre o termo, assim como também proporcionou o surgimento de diversos modelos de processos para busca e uso da informação, todos seguindo o padrão de incorporação de atividades que tivessem os processos de identificação, acesso, avaliação e uso da informação de maneira simplificada (DUDZIAK, 2003). Em consonância com o crescimento das tecnologias de informação e comunicação, surgiram as primeiras nomenclaturas relacionadas ao meio digital: *digital literacy*, *multimedia literacy*, *mediacy*, *information technology literacy* (DUDZIAK, 2003). O modelo relacional elaborado por Bruce em 1997, conforme apontado por Dudziak (2003), surgiu próximo ao fim desta década, defendendo a *information literacy* como um fenômeno cuja experiência vai além do desenvolvimento de competências, pois trata de questões de trajetórias de aprendizados e construção de concepções de cada indivíduo. A década se encerrou com a criação de diversas organizações e institutos voltados para a instrução, orientação e capacitação de profissionais e para a implementação de estudos e projetos que disseminem a *information literacy* pelas instituições. Desta forma o interesse pelo tema seguiu crescendo em esfera mundial fazendo com que discussões sobre a temática se tornassem mais pertinentes e novos conceitos e definições fossem constantemente discutidos.

No que se refere ao Brasil, estudos tem seu lastro no artigo “O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede”, publicado no periódico Revista de Biblioteconomia & Comunicação, por Sonia Caregnato em 2000. O texto tem como objetivo destacar a necessidade do desenvolvimento das habilidades informacionais no contexto da disponibilização da informação digital em rede. Na literatura nota-se um foco voltado para a educação de usuários quando observada a perspectiva dos estudos da competência em informação em nível nacional, reforçando questões de ensino-aprendizagem e mostrando o papel do bibliotecário como agente educador em parceria com professores. Nos anos seguintes, mais aplicações foram feitas às pesquisas de competência em informação em âmbito nacional, explorando ambientes para além das bibliotecas (DUDZIAK, 2003).

A sociedade contemporânea segue marcada pela relação cada vez mais íntima e prática com as tecnologias de informação e comunicação na medida em que os indivíduos têm acesso a todo e qualquer tipo de informação de forma simples no ambiente digital, porém isto não

define que cada pessoa tenha de fato habilidades e conhecimentos que possam usar a seu favor no momento de busca nos diversos locais existentes na web (DUDZIAK, 2003). Desta forma, surge a preocupação com a competência em informação dos usuários no que se refere à questão digital e midiática. Gasque (2013, p. 8) ressalta que

para que as tecnologias tragam inovação e possam vir a somar no aprendizado dos indivíduos, faz-se necessário que as pessoas saibam o que fazer com as informações, isto é, a tomada de decisão de um processo cognitivo que depende do ser humano.

Ainda no que se refere à competência em informação no sentido de abordagem tecnológica, a *Association of College and Research Libraries* (ACRL) da American Library Association, em 2015/2016, emitiu uma definição atualizada de competência em informação em que onde são enfatizados o dinamismo, flexibilidade, crescimento individual e oportunidade de aprendizado coletivo (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2016, p. 3, tradução nossa), a saber:

Competência em informação é o conjunto de habilidades integradas que abrange a descoberta reflexiva da informação, o entendimento de como a informação é produzida e valorizada, e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e participação ética nas comunidades de aprendizado.

Neste documento, intitulado *Framework for Information Literacy in Higher Education*, a ACRL faz um incremento ao abordar também o conceito de *metaliteracy*, oferecendo uma visão aperfeiçoada e mais extensa da competência em informação, abrangendo o cenário de habilidades para ambientes nos quais os sujeitos não apenas consomem, como também se tornam criadores e difusores de informação, contribuindo assim com a criação e crescimento de espaços colaborativos (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2016). Conforme reiteram Jacobson e Mackey (2013, p. 84), a abordagem da *metaliteracy*

expande as competências para se adaptarem às mudanças em curso nas tecnologias emergentes e para o avanço do pensamento crítico e capacitação para a produção, conexão e distribuição de informação como aprendizes independentes e colaborativas (JACOBSON; MACKEY, 2013, p. 84, tradução nossa).

Deste modo, é esperado que estes indivíduos sejam capazes de pensar sobre suas próprias ações e conhecimentos ao se colocarem como protagonistas do próprio aprendizado, tendo visão crítica e reflexiva tanto sobre suas ações quanto a de outras pessoas, enquanto também conseguem aproveitar os espaços colaborativos presentes em ambientes *online* ou *off-*

line. A *metaliteracy* abrange também a produção e compartilhamento de conteúdo de forma interativa, tanto quanto a produção criativa e compartilhamento da informação em ambientes de interação social colaborativa *online*, não esquecendo da preocupação e responsabilidade existente com a forma que se produz e dissemina informação nestes espaços colaborativos (JACOBSON; MACKEY, 2013).

O indivíduo metaliterato, ou seja, que possua as habilidades que dizem respeito à *metaliteracy*, tem plena noção de quando e qual informação lhe será necessária, como e onde ela poderá ser buscada e em que ela poderá ser aplicada, podendo se adaptar com facilidade a ambientes diferentes e aprendendo a combinar relações presentes entre espaços de busca e troca de informações (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2012; MACKEY; JACOBSON, 2014). Para este indivíduo a autonomia do ser metaliterato é trabalhada de modo que o mesmo seja capaz de avaliar os conhecimentos que possui, lidar com suas destrezas e limitações no processo de busca, uso, recuperação e disseminação da informação e assimilar novas formas de adquirir conhecimentos, contornando dificuldades encontradas nas suas práticas dentro dos ambientes de aprendizagem.

Seguindo linhas de pensamento do viés da *metaliteracy*, entidades mundiais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) apresentaram argumentos em defesa da união de estudos de competência em informação e competências midiáticas. A partir deles, foram pensadas iniciativas para a *Media and Information Literacy* (MIL), traduzida como competência em mídia e informação, oriunda da busca pela aproximação da competência em informação com recursos e fontes midiáticas. Em seus documentos, proclamações e declarações foi ressaltada a ideia de que

[...] cidadãos, comunidades e nações exigem um novo conjunto de atitudes, habilidades e conhecimento para criar, acessar, organizar, avaliar, usar e se comunicar dados, informações e conhecimento para atingir seus objetivos pessoais, sociais, profissionais e educacionais. (HORTON JÚNIOR, 2013, p. 7, tradução nossa).

Desta forma surgem apontamentos apresentando a importância da MIL no processo de melhoria da qualidade de vida humana, desenvolvimento sustentável do país, governança proativa e cidadania, particularmente na era digital vivenciada atualmente, onde “a disponibilidade de recursos de informação e a acessibilidade explodiu, assim como as tecnologias de comunicação também convergiram e se tornaram totalmente interativas com os usuários” (HORTON JÚNIOR, 2013, p. 7, tradução nossa).

A competência em mídia e em informação abrange uma série de habilidades que possuem ligação direta com a comunicação, incluindo a capacidade de acessar, analisar, avaliar e comunicar informações de maneiras variadas (SILVA, 2017).

Partindo da premissa de que a competência midiática contém elementos que podem contribuir significativamente para o preparo dos indivíduos em relação ao uso das mídias como fontes de informação, combiná-la com a competência em informação se faz essencial para a construção (CERIGATTO; CASARIN, 2017, p. 164).

Desta forma, a competência em mídia e em informação consiste na combinação de conhecimentos, habilidades e práticas específicas para o exercício do processo de acesso, avaliação, análise, uso, produção e disseminação de informações e conhecimentos, fazendo isto de forma criativa, legal e respeitosa com critérios éticos que não comprometam os direitos humanos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e que tenha exercício pleno da cidadania (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2012).

Para isso, a competência em mídia e em informação representa o processo de convergência midiática que tem se consolidado na sociedade e a forma que as mídias têm afetado indivíduos e a sociedade de modo crescente. Diversas organizações, associações e demais entidades pelo mundo tem se reunido constantemente para discutir a temática, tendo destaque entre elas a Unesco, defensora da integração das áreas de competência em informação e competência midiática, visando formar indivíduos para a sociedade da informação e do conhecimento. Em consonância com as linhas de pensamento e discussão da Unesco, Lee e So (2014) ressaltam que

No mundo atual, somente alfabetização informacional ou a alfabetização midiática não são suficientes para preparar os indivíduos para lidar com o enorme volume de mensagens da mídia e da abundância de plataformas de informação. Há um apelo urgente para combinar esses dois campos para desenvolver um conjunto comum de competências necessárias à nova era tecnológica. A integração certamente poderia facilitar a participação dos indivíduos nas sociedades emergentes do conhecimento (LEE; SO, 2014, tradução nossa).

Esta alfabetização, trazendo o propósito unificado destas duas vertentes, tem capacidade para auxiliar na resolução de problemas e satisfação de demandas dos indivíduos, tornando-os seres de senso crítico e autônomo capazes de buscar, avaliar, criar e trocar novas informações e conhecimentos em diferentes formatos, compartilhando tais experiências por

meio de ferramentas e canais. Também colabora para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e diminui a série de limitações às quais os mesmos podem se encontrar submetidos (monopolização da informação, censura, disseminação seletiva de conteúdo), melhorando sua qualidade de vida e lhes dando oportunidade de participar e vivenciar uma sociedade mais democrática e transparente no quesito informacional, respeitando a existência de diversidades culturais e linguísticas. A iniciativa da MIL quer romper barreiras informacionais ainda existentes a partir do processo de letramento de seus indivíduos, colaborando para o desenvolvimento de sociedades de conhecimento abertas, plurais, inclusivas e participativas (DUDZIAK; FERREIRA; FERRARI, 2017).

Reforçando esta ideia, a Unesco lançou no primeiro semestre de 2018 o pacto da MIL CLICKS, sigla correspondente a *Media and Information Literacy: Critical thinking and creativity, Literacy, Intercultural, Citizenship, Knowledge and Sustainability*. O documento apresenta ao público os compromissos aos quais se encontra atrelado o indivíduo competente em informação e mídia. Em cada palavra apresentada nas siglas do documento, os fatores importantes defendidos pela competência em informação e mídia são lembrados ao público, do mesmo modo que é reforçado o pensamento crítico, autônomo e com seletividade inteligente, ética, democrática e satisfatória no processo de busca, uso, recuperação e disseminação da informação. Dentre os compromissos que o indivíduo competente em informação e mídia apresenta, os assuntos destacados no pacto se referem a:

a) responsabilidade com a averiguação da veracidade das informações recebidas e replicadas para outras pessoas; assim como a ciência do impacto que todo e qualquer tipo de informação pode ter na vida de outras pessoas, seja de modo direto ou indireto;

b) busca por empoderamento pessoal por meio do aprendizado adquirido no processo de busca por informações, mídia e competências tecnológicas, assim como se manter ativo e disponível para auxiliar outros indivíduos a passar pelo processo de alfabetização informacional e midiática, defendendo a criatividade e senso de auto expressão de cada pessoa;

c) respeito a limitações alheias, fatores e visões culturais e religiosas divergentes, tolerância e empatia no diálogo, comprometimento em não espalhar o ódio por meio de qualquer forma de discurso;

d) respeito à privacidade alheia e aos direitos de cada pessoa no ambiente *online* (incluindo o direito de propriedade intelectual), preocupação com o senso ético ao fazer qualquer tipo de julgamento ao compartilhar e postar conteúdos, preocupação com o retorno

de informações diretas da fonte ao público, lhes dando oportunidade para fazer seus próprios julgamentos sobre qualquer informação e assunto;

e) promoção da igualdade de direitos entre homens e mulheres no processo de aprendizado e disseminação da informação, rompendo barreiras que, anteriormente, poderiam distanciar ou privilegiar apenas um gênero. (UNESCO, 2018, tradução nossa)

No que se refere ao Brasil, as implementações de políticas públicas voltadas para a MIL podem ser relacionadas com outras iniciativas, tais como a criação do Livro Verde, intitulado “Sociedade da informação no Brasil: livro verde” no ano de 2000, onde se foram apontadas discussões de políticas de informação para promoção da democratização informacional no país. Porém, o desfalque percebido neste marco aponta que o interesse em praticar a inclusão digital na sociedade por meio da criação de programas aplicados a instituições de ensino não condiz com a realidade ainda enfrentada pelos alunos das escolas, universidades e demais espaços de ensino. Apesar destes ambientes receberem investimento para estimular o processo de aprendizagem, os usuários ainda possuem limitações de conhecimento sobre os processos de busca, uso, recuperação e aplicação das informações. Do mesmo modo, ainda é possível perceber nos profissionais destes espaços uma dificuldade na elaboração de iniciativas a serem aplicadas a fim de promover o processo de alfabetização e ganho de competências em informação (DUDZIAK; FERREIRA; FERRARI, 2017).

Outros marcos políticos que exigem destaque em nível nacional são a Declaração de Maceió (2011), o Manifesto de Florianópolis (2013) e a Carta de Marília (2014), trazendo apontamentos que reconhecem a insuficiência de recursos atuais para atender às demandas da cidadania (DECLARAÇÃO..., 2011) e buscam discutir a competência em informação como direito fundamental do ser humano, sendo essencial à sua sobrevivência, cidadania e senso democrático (MANIFESTO..., 2013). Os documentos procuram um maior alcance e atenção para a aprendizagem, pois a mesma

[...] em seus vários níveis, exige o desenvolvimento da CoInfo. Destaca-se a importância do trabalho integrado e colaborativo para a transformação das redes, sistemas, unidades e serviços de informação, tais como: bibliotecas, arquivos, museus, centros de documentação/informação, além de outros tipos de organizações que atuam com informação e conhecimento, cujos espaços de atenção primária voltam-se às necessidades de exercício da cidadania e do aprendizado ao longo da vida (CARTA..., 2014, p. 1).

Desse modo, tem-se como oportunidade de estudos os ambientes de redes/mídias sociais, espaços que possuem pequenas comunidades criadas pelos próprios usuários onde

peças reunidas por interesses comuns buscam, produzem e disseminam informações em vários modos midiáticos de acordo com demandas pessoais ou apresentadas pelo coletivo.

3 PRÁTICA INFORMACIONAL, MÍDIAS SOCIAIS E AMBIENTES DE INTERAÇÃO ONLINE

A prática informacional é o campo de pesquisa dos estudos da informação de abordagem interacionista cujo foco se encontra centrado na comunidade, tendo em sua perspectiva um caráter intersubjetivo. Sua abordagem, conhecida pelo conceito guarda-chuva apresentado por Savolainen (2007), investiga e descreve os fenômenos consequentes dos procedimentos de busca, acesso, criação, uso e compartilhamento de informação, visando compreender como os indivíduos fazem tal processo. Essa dinâmica sofre influência de elementos sociais e culturais aos quais o indivíduo se encontra submetido (SAVOLAINEN, 2007; ROOS, 2016).

Os estudos sobre práticas informacionais têm seu marco na década de 1990 quando visam uma alternativa à abordagem objetiva e cognitiva existente e conhecida de modelos de estudos de usuários ou sobre comportamento informacional. Em 1995, Savolainen elaborou um modelo de busca de informação na vida cotidiana (*everyday life information seeking*), que veio a se tornar um precursor dos modelos de práticas informacionais empregados nos estudos até os dias atuais. Neste modelo, constavam questões de noção de vida cotidiana e a percepção de que fatores sociais, culturais, individuais e temporais exercem influência na resolução de problemas pelos sujeitos, assim como na relação que os mesmos criam com a informação (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Os estudos de Tom Wilson (1981) sobre comportamento informacional e aqueles de prática informacional elaborados por Pamela McKenzie (2003) e Sanna Talja (2005), influenciaram as pesquisas de Savolainen, de modo que em 2006 o autor ampliou seus estudos, abordando também fatores sociais, culturais e psicológicos que pudessem influenciar na preferência das pessoas e no uso de determinadas fontes de informação por cada pessoa em situações cotidianas. Em estudos mais recentes, Savolainen identificou e apresentou três principais situações nas quais a necessidade de informação pode surgir e que podem ser aplicados tanto para o contexto científico e profissional quanto para casos do cotidiano. Estas foram chamadas de situação da ação, desempenho da tarefa e diálogo. A situação da ação consiste na necessidade que surge a partir da existência de uma situação, podendo variar em consequência de fatores temporais, especiais e situacionais. Já a situação de desempenho da tarefa defende que a necessidade informacional surge a partir de uma tarefa a ser realizada ou de um problema a ser resolvido, fazendo com que o sucesso da busca de informação pode ser determinante para a conclusão da tarefa. No que se refere à situação de diálogo, esta se

origina do processo de comunicação escrita ou verbal existente entre dois ou mais sujeitos, e a necessidade informacional apontada é um entendimento construído em grupo pela chegada a um consenso por meio do diálogo (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Na atualidade tem-se que a temática vem sendo construída no campo de estudos da informação para analisar o modo de interação das pessoas com a informação nos mais diversos contextos e situações, englobando buscas informacionais e não intencionais (ZATTAR, 2017). Porém, antes de avançar, cabe indicar que a linha de estudo do comportamento informacional tem foco no processo cognitivo do sujeito, enquanto as práticas informacionais mantêm seu foco na comunidade (ZATTAR, 2017).

Durante o processo de busca, o indivíduo tem interesse em satisfazer uma demanda informacional de cunho pessoal ou coletivo que pode ser motivada por questões que envolvam seu capital social e cultural, tendo noção de que o ser humano é um indivíduo cujo modo de pensar e agir se configuram de uma maneira específica devido a embasamentos intelectuais e socioculturais construídos no decorrer de sua trajetória de vida. Desta forma, é possível afirmar que seu modo de observar, utilizar e procurar por determinada informação também é fruto de uma construção social e seguirá nesse processo construtivo constantemente, admitindo que a informação nova a ser adquirida e compartilhada será salva no território mental de cada pessoa se baseando na relação anterior que o mesmo possuía com tal informação, podendo entrar em um estado de embate ou complemento de acordo com seu senso crítico (ZATTAR, 2017).

As práticas informacionais podem ser observadas nas redes e mídias sociais, espaços nos quais os indivíduos encontram-se em constante processo de construção e disseminação de informações *online*. O público fortemente ativo nestes ambientes possui habilidades autônomas intrínsecas em seu processo de busca, trabalhando-as durante todo seu processo vital como usuário e produtor de informação, reforçando a ideia de que a criação de produtos informacionais midiáticos hoje não se encontra mais concentrada nas mãos de um grupo limitado de profissionais (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2012). É possível dizer que a noção de prática informacional, reforçando seu cunho interacionista, é movida pela palavra ação em todas as suas fases. Se uma comunidade encontra lacunas informacionais a serem preenchidas, este grupo pode procurar formas a fim de resolver as demandas anteriormente encontradas. No decorrer deste processo, por meio da troca de diálogos, experiências e vivências, estas pessoas podem construir novos conhecimentos e sofrer novas influências dos demais membros da comunidade nos ambientes de interação em que se reúnem. Vale lembrar que estes espaços de

concentração de pessoas com um propósito em comum podem ser ambientes vistos como ambientes não tradicionais de compartilhamento de conhecimentos de comunidades discursivas que compartilham um interesse temático comum como, por exemplo os *blogs*, canais do Youtube, redes sociais, grupos e comunidades.

Do mesmo modo que as redes e mídias sociais constroem conhecimentos diversos organizados e disseminados em vários tipos de canais (sites de vídeo, plataforma de fotografia, animações ou apenas texto), cada pessoa pode fazer sua busca em um ou mais tipos de mídia presentes dentro deste espaço, dependendo de sua preferência e familiarização com a forma de conteúdo apresentada ao público dentro de cada plataforma. Nas mídias sociais, diferente das mídias definidas como tradicionais (televisão, rádio, jornais) em que o público apenas recebe o conteúdo transmitido e tem ação passiva, as pessoas podem criar espaços colaborativos com outros indivíduos que tenham como objetivo comum discutir, compartilhar e difundir informações, tornando-se atores e incentivando a produção coletiva em um grande grupo gerador de conhecimento. Os indivíduos presentes nestes espaços não se encontram presos a papéis e funções previamente determinados dentro de um grupo e, deste modo, se sentem com maior liberdade e tranquilidade para agir de modo autônomo, sem censuras ou moderações (ROMEIRO; SILVA, 2018).

Podemos definir a mídia social como aquela utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na web com fins de compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas. São consideradas mídias sociais os textos, imagens, áudio e vídeo em *blogs*, *microblogs*, quadro de mensagens, *podcasts*, *wikis*, *vlogs* e afins que permitem a interação entre os usuários. Compartilhamento de conteúdos e travamento de diálogos/conversações são os grandes pilares das mídias sociais. Interesses afins e similaridades temáticas norteiam a formação de redes estruturadas de usuários no ciberespaço. Estas redes se pautam, incentivam e estimulam a ação coletiva de seus membros via ferramentas como *Orkut*, *Blogs*, *Twitter*, *Facebook*, *MySpace*, entre outros (TERRA, 2011, p. 2).

Dentro destas mídias sociais estão disponíveis os ambientes de interação *online*, espaços onde encontram-se concentradas as comunidades, organizadas de acordo com temas e interesses específicos, como por exemplo os grupos de Facebook, Whatsapp e fóruns.

[...] as comunidades virtuais se entendem como uma rede eletrônica de comunicação interativa auto definida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo. (CASTELLS, 1999 apud SOUZA, 2000, p. 37)

Nestes ambientes os integrantes dos grupos podem fazer uma troca rápida de informações e diálogos, conectando-se com pessoas inseridas em diferentes realidades e contextos. Estas relações de troca são capazes de propiciar a descoberta de novos recursos (pessoas, aplicativos, conteúdos, etc.) que podem ser interligados de algum modo e construir um novo método de aprendizagem desta rede (SIEMENS, 2010 apud BORGES; BRANDÃO, 2017). No decorrer deste processo, o indivíduo gera seu próprio conhecimento enquanto adquire novas habilidades com os demais integrantes do coletivo, atualiza-as e dissemina os aprendizados em sua rede, se tornando assim um ser metacompetente e um consumidor e produtor de informação, também conhecido como *prosumidor* (*prosumer*). Também pode acontecer de o indivíduo reinterpretar um conteúdo, parodiá-lo e comentar partes do mesmo à sua maneira a fim de trazer análises diversificadas (SANTOS, 2013). Nos ambientes de interação *online*, é interessante observar tanto as práticas informacionais do público que ali já se faz presente há tempos discutindo e produzindo conteúdos quanto dos novos indivíduos constituintes desta comunidade ou que foram parar naquele espaço de algum modo com o objetivo de apenas observar e analisar as informações ali existentes.

4 IDENTIDADE E CABELO

A identidade é um processo de construção social que pode ser afetada e alterada positiva ou negativamente em qualquer momento da trajetória de vida de um indivíduo de acordo com as interações que o mesmo exerce com outras pessoas, objetos e canais de comunicação. Por meio destas interações é possível ampliar o capital social e cultural de cada ser humano, influenciando na ampliação de sua memória identitária, que carrega experiências e recordações de interações sociais e processos de troca de conhecimentos (FERRARI; ASSIS, 2017). De acordo com Gomes (2002 apud D'ADESKY, 2001) a identidade se torna aceita pelo indivíduo de acordo com o reconhecimento de outras pessoas, caracterizando a necessidade de afirmação de um coletivo para concretizar o processo de autoafirmação de maneira positiva.

[...] a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2002, p. 2).

Pessoas de maior proximidade e intimidade, assim como aquelas importantes da trajetória de vida dessas pessoas, possuem maior influência nessa construção identitária e no modo de pensar, sendo responsáveis pela troca de valores, símbolos, sentidos e referências mais comuns no processo de busca para reforço de questões pessoais como, por exemplo, a autoestima. Outro fator determinante na construção de identidade de um indivíduo e que possui muita influência, porém não de forma tão vinculada afetivamente, e sim por uma espécie de doutrinação e necessidade de adequação, se refere às relações de poder presentes na sociedade (FERRARI; ASSIS, 2017). Relacionando os critérios de adequação perpetuados na população com as visões tidas sobre a mulher na sociedade, é possível ressaltar a existência de imperativos de beleza doutrinados na sociedade que predeterminam padrões excludentes, restringindo quais corpos e aparências são considerados aceitáveis. Caso a pessoa não se enquadre nestes parâmetros estéticos, ela é vista de forma diferente perante os demais indivíduos. Isso pode se aplicar a critérios estéticos como, por exemplo, cor de pele, tipo e tamanho de cabelo, estatura, peso e outras características específicas da fisionomia (SILVEIRA, 2017).

Contextualizando com assuntos relacionados ao cabelo, ao padrão de comprimento e a forma de cuidado também se tem um ponto que costuma gerar extensas discussões.

Determinou-se, de modo geral, na sociedade, a ideia de que a mulher precisa ter cabelos longos e o homem precisa manter os cabelos sempre curtos, criando assim uma diferenciação que, quando contrariada por um dos sexos, gera comentários e tratamentos de cunho vexatório que tentam colocar em xeque questões relacionadas a masculinidade ou feminilidade. Por exemplo, se as mulheres optarem por não manter uma rotina de cuidado com seus cabelos e prezarem pelo comprimento dos mesmos, no fim elas acabam sendo julgadas como seres desleixados. Em contraste, os homens não vivenciam tais imposições sociais com tanta força, mas caso um rapaz siga os padrões de dedicação e cuidado com os cabelos que são defendidos a serem aderidos apenas pelas mulheres, as pessoas começam a lhe observar como um ser mais “feminino”. Da mesma forma, uma mulher que foge dos padrões de cuidados e estilos de cabelo longos e sedosos é associada a ser mais “masculina” (SILVEIRA, 2017). Assim, entra aqui a discussão por trás do cabelo e das atribuições dadas ao mesmo, assim como a observação do modo que ele possa colaborar no processo de construção de identidade de um indivíduo. O cabelo é visto na sociedade como um objeto fundamentado em construções simbólicas que perpassam por questões de gênero (diferenciação de homem e mulher pelo comprimento), cor e estilo (corte ou textura). Em contrapartida às doutrinas estabelecidas sobre os modos de se manter o cabelo, as feministas adotam os cortes curtos como uma forma simbólica de resistência.

[o] constrangimento feminino tornou-se o triunfo feminista. O próprio cabelo era – e é – uma declaração política visível. O corpo, portanto, não é apenas um símbolo político, é, ele próprio, político (SYNNOTT, 1987, p. 397, tradução nossa).

O cabelo curto feminino nos ambientes de trabalho também possui um modo de ser visto nas empresas que remete à impressão de uma característica mais recatada e contida das mulheres, fazendo, em alguns casos, analogia à visão de poder e determinação atribuída ao homem por uma sociedade de ideais misóginos (SILVEIRA, 2017). Se tratando de tipos de cabelo, é sabido que há uma pluralidade de texturas que perpassam pelas lisas, onduladas, cacheadas e crespas. A classificação de tipos de cabelo proposta pelo cabeleireiro americano Andre Walker [201?] especifica dez tipos diferentes de fios separados em três grupos. Eles são divididos pelo grau de ondulação e curvatura, se dividindo em quatro grupos por seus tipos. São eles: cabelos lisos (tipo 1); ondulados (tipo 2); cacheados (tipo 3); crespos (tipo 4). Em cada um dos grupos, com exceção do que se refere aos cabelos lisos, há três variações em cada conjunto, determinadas como A, B e C. A gradação indica o tamanho da ondulação dos cachos e curvatura dos mesmos, podendo ser de maior ondulação (curvatura do cacho mais

aberta) ou menor (curvatura mais fechada). No que se refere aos cabelos crespos, o cabelo de curvatura mais aberta é o 4A, tendo grande aproximação com o cabelo cacheado. O 4C já possui cachos mais fechados, se assimilando a uma mola, passando a sensação de indefinição de cachos em alguns casos. Esta distinção de estruturas dos fios de cabelo vem sendo discutida e recebida por diferentes pessoas e compõe as discussões daquelas que se encontram no processo de transição capilar e buscam por informações que lhes permitam identificar fios que tenham aparência mais próxima dos seus neste processo de redescoberta pessoal.

Apesar do processo de aceitação do cabelo cacheado e crespo em sua forma natural ter aumentado, a cultura do cabelo liso no Brasil ainda dita o padrão seja nas interações entre indivíduos, em ambientes de trabalho ou no enfoque de empresas de cosméticos e salões de beleza, que se especializam nestes processos e muitas vezes deixam de lado as rotinas de cuidados com cabelos cacheados e crespos. Conforme apontado por Silveira (2017), mesmo com a pluralidade de texturas capilares apresentadas, no Brasil ainda existe uma cultura obsessiva pela adoção do padrão de cabelo liso, o que consequentemente acaba configurando numa invisibilização do cabelo crespo (4A, B e C) e no reforço da construção de uma consciência de que o cabelo crespo é visto como algo excêntrico, desarrumado e desleixado. Tem-se que os cabelos crespos ainda são associados a características de cunho vexatório, estendendo o sentimento de inferioridade das mulheres a partir de apelidos atribuídos ao cabelo negro e outras formas de satirização a fim de diminuir e constranger a pessoa que tem cabelo crespo (SILVEIRA, 2017).

Em contraste com os lisos e sinuosos cabelos dos europeus, vistos (pelos próprios europeus) como correspondentes a um ideal de pureza e de uma subjetividade 36 iluminada, o cabelo “crespo” dos africanos era considerado por alguns como “demoníaco, obscuro e pubiano” (ROSENTHAL, 2004, p. 4, tradução nossa)

Observações e falas deste tipo geram um reflexo depreciativo sobre a beleza natural dos cabelos de cada mulher, que para evitar o prolongamento de tais comentários e lhes trazer reflexos negativos na autoestima, na interação com outras pessoas e em diversos outros fatores, recorrem a meios alternativos para alisar os cabelos. As alternativas para aderir aos cabelos lisos são muitas e envolvem processos que, em sua maioria, aderem ao uso de químicas (relaxamento, alisamento, escova progressiva) para obter o resultado esperado do “liso dos sonhos”.

O processo depreciativo do cabelo crespo leva muitas mulheres ao abandono de uma aparência e adaptação a uma doutrinação de perfil associado ao perfil branco europeu. Essa

doutrinação, também conhecida pelo termo ‘supremacia do branco europeu’, é fruto de uma construção simbólica que mostra uma relação de menosprezo com os corpos negros.

A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (GOMES, 2002, p. 42).

Esta visão, apesar de ser muito limitada e não condizer com a pluralidade de biotipos e estruturas capilares presentes em países fortemente miscigenados como o Brasil, ainda é seguida de forma intensa como um tipo de doutrinação, definindo o padrão estético europeu como o único correspondente a um padrão de beleza aceitável e colocando tipos que fujam desse padrão em um estado de visualização como minoria, reforçando a existência de um racismo velado ao determinar que as mulheres precisam se adaptar a tais arquétipos (SILVEIRA, 2017). De modo geral, pode-se evidenciar que as questões de representação da mulher negra e, principalmente, do reforço de sua identidade perante a sociedade ainda são muito moldadas pela influência de círculos de convívio e ambientes de socialização, influenciando nas perspectivas de escolha de cabelo individual.

De todo modo, o processo de transição capilar tem ganhado força no Brasil, mesmo que de forma tímida, e seu reflexo tem sido visto nas redes sociais. A escolha por esse processo envolve, na maioria das vezes, a busca pela redescoberta pessoal, tendo ligação direta com questões de identidade e empoderamento pessoal. Muitas mulheres que se submeteram aos processos químicos de alisamento por toda a vida perderam a noção de como seriam suas “raízes” e, buscando por incentivo e informações sobre cuidados pessoais com os cabelos durante o processo em ambientes diversos na internet, encontraram motivação e sentido em seus processos de retorno à textura natural do cabelo. Tendo em vista que os ambientes de interação *online* propiciam a discussão de diversos assuntos e disponibilização de conteúdos sobre todos os tipos de temas, estes se tornam espaços úteis para suprir a falta de informações existentes sobre processos de cuidados com os cabelos crespos, propiciando a construção coletiva existente nos pilares da competência em informação, a fim de satisfazer demandas informacionais desta comunidade. Devido a existência de alguns grupos presentes nas redes e mídias sociais, outras mulheres tem a chance de buscar conteúdos e se encorajar com o discurso de terceiras. Neste processo de busca, se faz possível que elas se informem e também tenham a oportunidade de se apropriar de conhecimentos, dando a eles algum sentido

com base em suas vivências, se redescobrimdo e utilizando estas informações para si ou com outras pessoas a fim de reafirmar questões da transição capilar relacionadas à identidade (SILVEIRA, 2017).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa foi adotado o método descritivo, definido por Gil (2002) como uma abordagem que apresenta a descrição das características presentes em determinada população. Os dados foram coletados a partir de um questionário disponibilizado em ambiente online para a amostra populacional em questão. Desta forma foi buscado o levantamento de práticas e demais fatores que pudessem surgir das respostas da população com relação às buscas informacionais.

A partir deste estudo também foi possível identificar as características principais sobre o processo de busca por informações das pessoas que se voluntariaram a contribuir com o estudo. Desse modo, esta pesquisa teve caráter observatório, foi não participativa e se comprometeu a preservar o anonimato da identidade de cada contribuinte, visando evitar qualquer prejuízo moral, imaterial ou material às participantes voluntárias.

5.1 CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA

O campo escolhido para essa pesquisa consiste em grupos existentes na rede/ mídia social Facebook que promovem discussões sobre a mulher negra. Este ambiente foi escolhido visto que a rede social é apontada como fonte muito utilizada para troca de experiências e disseminação de informações sobre a temática em seus grupos, sendo frequentemente utilizada como objeto de análise de estudos de diversas áreas do conhecimento.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, três grupos foram selecionados, tendo como critério a forte presença de mulheres que se identificam como negras em sua constituição. O primeiro, intitulado “Encrespando por Meninas *Black Power*”, gerenciado pelo Coletivo Meninas *Black Power*, é composto por 14.828 membros¹. Nele se encontram mulheres negras de cabelo crespo que optaram pelo uso do cabelo em sua forma natural e compreendem os significados nele aplicados na vida social. Dentro do grupo é feita a troca de experiências e discussões a fim de reforçar a consciência e valores relacionados à mulher negra. O segundo grupo, intitulado “Meu cabelo tipo 4 natural”, reúne pessoas de cabelo especificamente crespo em suas diversas escalas de definição. Tais escalas se encontram nas definições 4A, 4B e 4C (numa escala de menor definição de cachos). Neste grupo são discutidas questões de cuidados com a estrutura dos fios e também ocorre a discussão de assuntos como transição capilar e o

¹ Dados identificados em 27 jun. 2018.

processo de aceitação do cabelo crespo em sua forma natural, defendendo sempre o abandono de produtos de relaxamento, alisamento ou qualquer outro procedimento que possa comprometer e modificar a estrutura do cabelo natural. No período de coleta de dados da pesquisa, o grupo contava com 73.049 membros². O terceiro grupo, intitulado “Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional” é composto por mulheres negras de todo o país que elaboram estudos, trocam referenciais de pesquisa e ao mesmo tempo discutem entre si sobre produções e situações cotidianas, voltando-se para a ênfase nas temáticas de feminismo negro, feminismo pós-colonial e feminismo interseccional. Este grupo foi encontrado inicialmente para fins de contribuição com referenciais para a pesquisa. Porém, no decorrer das discussões dentro do grupo, foi percebido que este espaço também poderia ser utilizado como objeto de estudo, visto que as integrantes traziam à tona discussões frequentes sobre cabelo e aspectos relacionados diretamente a construções e reconstruções da identidade. No período de coleta, o grupo era constituído por 9.812 membros³. Em síntese, indica-se que os três ambientes e comunidades buscam se apresentar como espaços acolhedores para a troca de experiências pessoais e de possíveis referenciais, contribuindo para a construção coletiva de conhecimento e, ao mesmo tempo, para o empoderamento de mulheres negras por meio do aprendizado.

A população de ambos os grupos era constituída de mulheres que se identificam e se declaram como negras perante a sociedade. A amostra do estudo contou com a participação de 164 pessoas que responderam ao questionário espontaneamente na oportunidade de coleta de dados.

5.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

As participantes dos grupos “Encrespando por Meninas *Black Power*” e “Meu cabelo Tipo 4 Natural” trazem em suas postagens, discussões sobre o processo de transição capilar, auxílios às pessoas que se encontram em todas as etapas que dizem respeito a este processo e também trocam experiências e opiniões sobre toda a trajetória pré, durante e pós processo de retorno à textura natural do cabelo. Também são compartilhados links e conteúdos externos à comunidade para fins de amplo conhecimento. As integrantes do grupo “Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional” também fomentam discussões, sendo muitas delas de cunho acadêmico e com finalidade de trazer contribuições científicas para todas as

² Dados identificados em 27 jun. 2018.

³ Dados identificados em 27 jun. 2018.

participantes. Dentro do grupo também são apresentados links, conteúdos externos, teorias e produções científicas com temáticas que abrangem perspectivas diversas, incluindo discussões sobre transição capilar por olhares de múltiplas áreas do conhecimento.

Para a coleta de dados desta pesquisa foi disponibilizado um link para questionário (apêndice A) nos três grupos, aplicado via ferramenta Google Forms, que se manteve disponível para coletar respostas durante 23 horas nos dias 24 e 25 de junho de 2018, mais especificamente das 17h do dia 24 de junho de 2018 às 16h do dia seguinte. Os grupos selecionados para a aplicação do estudo pedem que os integrantes que, ao publicar posts, indiquem de forma breve a temática dos mesmos para auxiliar na identificação das demais constituintes do grupo e facilitar na recuperação de determinadas informações. Seguindo tal critério de padronização, a temática da postagem do formulário foi indicada entre colchetes e, logo em seguida, foi apresentado às integrantes dos grupos o convite para contribuir com a pesquisa.

Figura 1: Post padrão de divulgação do formulário nos grupos

The image shows a Facebook post from a user named Gisele Lima, posted 23 hours ago. The post text is as follows:

[Pesquisa sobre transição capilar] [Ajuda acadêmica]

Oi, pessoal! Vocês poderiam, por gentileza, me dar uma ajuda aqui?

Você está sendo convidado (a) a participar como colaborador (a) da pesquisa "Práticas informacionais de mulheres negras" para o trabalho de conclusão do Curso de Biblioteconomia e será uma alegria contar contigo. Para isso, peço que responda este questionário que ficará disponível neste grupo por 23 horas (17h de 24 jun. às 16h de 25 jun.).

<https://goo.gl/forms/Ud4UpToMCiEJapyw2>

Desde já, agradeço a contribuição. **Um abraço!** ❤️

Edit: Pessoal, acabei de encerrar o questionário. Muito obrigada pela contribuição de todos! ❤️ Contar com a ajuda de vocês foi maravilhoso!

Below the text is a preview of the Google Form titled "Formulário de pesquisa: Práticas informacionais de mulheres negras". The form includes the following questions:

- * Required**
- Declaro que estou participando voluntariamente do presente estudo. *
- ☐ Sim
- ☐ Não
- Em qual região do Brasil você mora? *
- ☐ Norte
- ☐ Nordeste
- ☐ Centro-oeste

At the bottom of the preview, it says "DOCS.GOOGLE.COM" and "Formulário de pesquisa: Práticas informacionais de mulheres negras".

Fonte: Facebook (2018b).

No questionário aplicado foram abordados tópicos sobre o processo de busca das participantes para fins de aprendizado. A observação dos dados coletados foi feita por meio da análise temática de conteúdo, processo que consiste nas etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação dos mesmos (MINAYO, 2006). Para cada pergunta apresentada no questionário foi pretendido alcançar o objetivo geral proposto neste estudo de modo que se pudesse ter informações sobre:

- a) as características das respondentes a partir de categorias formais e de auto identificação ou representação, considerando que seria essencial conhecer a comunidade participante no âmbito da cor/raça, gênero, faixa etária e localidade de moradia;
- b) as características relacionadas à busca em práticas informacionais sobre transição capilar. Esse tópico teve como finalidade responder o problema de pesquisa ora apresentado, que visava descobrir quais as práticas informacionais das mulheres negras na internet para encontrar informações sobre transição capilar.

Na análise dos dados, foram observados os seguintes pontos a compreender as práticas informacionais das mulheres negras:

- a) quais faixas etárias se encontravam fazendo tais buscas;
- b) os termos mais usados;
- c) os tipos de conteúdo pelos quais o público tem preferência;
- d) os ambientes favoritos do público para recuperação de tais informações;
- e) quais critérios são considerados mais relevantes no momento de recuperar determinada informação, tais como autoridade ou atualidade do conteúdo.

Espera-se, com isso, ser possível descrever a prática informacional das mulheres negras em suas buscas sobre transição capilar, ou seja, desenvolver o objetivo proposta neste trabalho de conclusão de curso.

6 PRÁTICA INFORMACIONAL DE NEGRAS: ASPECTOS DA BUSCA POR TRANSIÇÃO CAPILAR

Inicialmente, o link do questionário foi enviado aos três grupos a partir de uma postagem padrão, porém, no fim da pesquisa, apenas dois grupos participaram na coleta de dados. Tal fato ocorreu, pois, os grupos “Meu cabelo tipo 4 natural” e “Encrespando por Meninas *Black Power*” possuíam um sistema de avaliação de postagens que passava pelos moderadores e administradores do grupo antes de qualquer postagem ser disponibilizada para o público. A aprovação no primeiro grupo aconteceu de modo imediato, enquanto no segundo grupo a mensagem se manteve aguardando a aprovação até o período de encerramento da coleta de dados. Como não havia este sistema de aprovação no grupo “Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional”, a postagem foi disponibilizada instantaneamente e teve uma recepção significativa da comunidade da página. Apesar de não ter sido requerido um retorno das respondentes, algumas das integrantes de ambos os grupos participantes comentaram nas postagens anunciando que haviam contribuído com o trabalho, o que pode fortalecer a ideia de interação.

O formulário ficou disponível pelo período de 23 horas nos grupos, obtendo 164 respostas. Visto que a identidade de cada respondente foi mantida no anonimato, não é possível determinar quantas pessoas de cada grupo contribuíram na pesquisa. De início, o formulário possuía um texto onde o estudo era apresentado e o público confirmava se estava contribuindo com a pesquisa de forma livre e espontânea. Todas as respostas a esta questão foram positivas, o que era esperado, visto que o próprio convite à contribuição no questionário deixava evidente que a pessoa não precisaria contribuir respondendo às questões se esta não fosse a sua vontade. Além disso, evidencia-se a preocupação com os aspectos éticos da pesquisa. O gráfico 1 apresenta a distribuição das respostas.

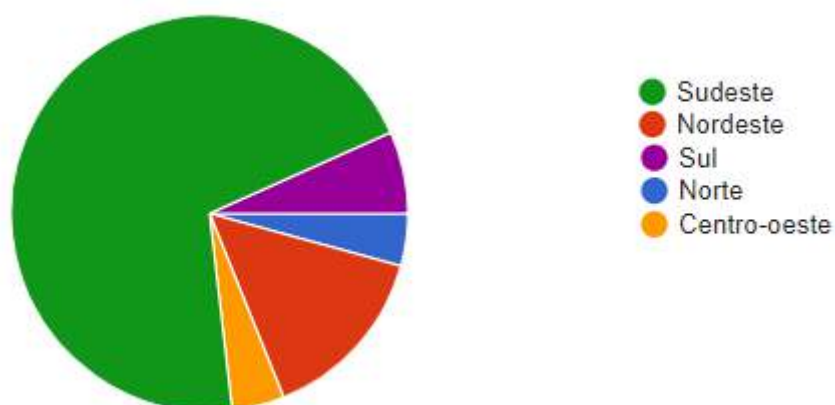
Gráfico 1: Participantes que declararam participar voluntariamente do estudo



Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida foi questionado o local de moradia das respondentes a partir da sistematização das regiões do Brasil. Cabe ressaltar que sabe-se que poderia ocorrer de uma participante não morar no país, mas com esta pergunta esperava-se ter uma noção de onde poderia haver maior concentração de pessoas que buscassem pelas informações relacionadas a transição capilar, o que demonstraria as questões ligadas ao contexto das atividades (essenciais aos estudos de prática informacional). O gráfico 2 aponta as respostas obtidas desta questão.

Gráfico 2: Local de moradia



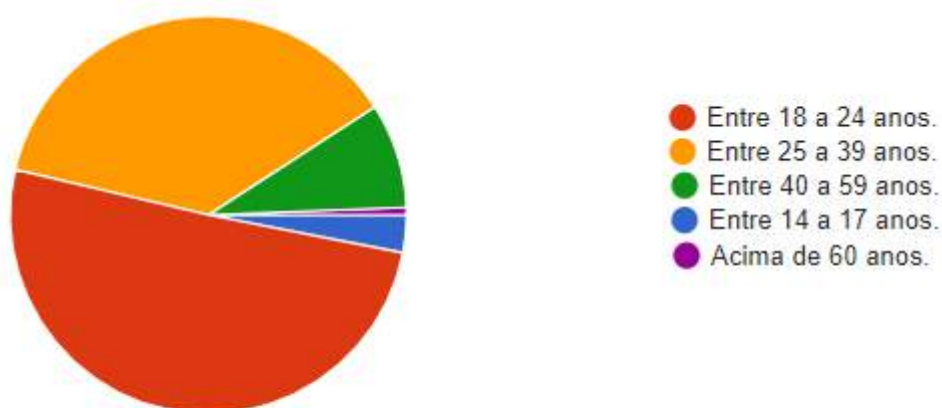
Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados apontaram que, do público observado, 115 pessoas (70,1%) declararam ser moradoras do Sudeste do país, contabilizando como a região de maior participação no

estudo. A região nordeste apareceu em segundo lugar na concentração de público respondente, contabilizando 24 pessoas (14,6%). Logo após, apareceram 11 pessoas que declararam residir no sul do país (6,7%). As regiões norte e centro-oeste tiveram 7 pessoas respondentes no total (4,3%). Nesta questão foi possível observar que a quantidade de contribuintes se encontra distribuída de forma não uniforme, assim como também surgiu a dúvida sobre quais fatores poderiam contribuir numa participação menor de pessoas residentes nas regiões norte e centro-oeste do país. Para fins de análise é possível relacionar este dado às questões culturais das regiões na medida em que a cultura influencia e é influenciada pela comunidade na construção da identidade.

A terceira pergunta do questionário tinha como objetivo apontar quais faixas etárias se apresentavam com maior incidência nas buscas. Para isso, foi estabelecida a idade mínima de 14 anos, levando em consideração a política do Facebook, que permite que apenas usuários com mais de 13 anos possam se inscrever na rede/ mídia social e usá-la fazendo publicações em modo público. Sabe-se que este público menor de idade, apesar de conseguir acessar o Facebook, possui limitações de acesso e publicação de conteúdos na rede/mídia social devido a sua faixa etária. O gráfico 3 apresenta os resultados coletados sobre as faixas etárias das integrantes dos grupos que se voluntariaram a contribuir com a pesquisa.

Gráfico 3: Faixa etária dos respondentes



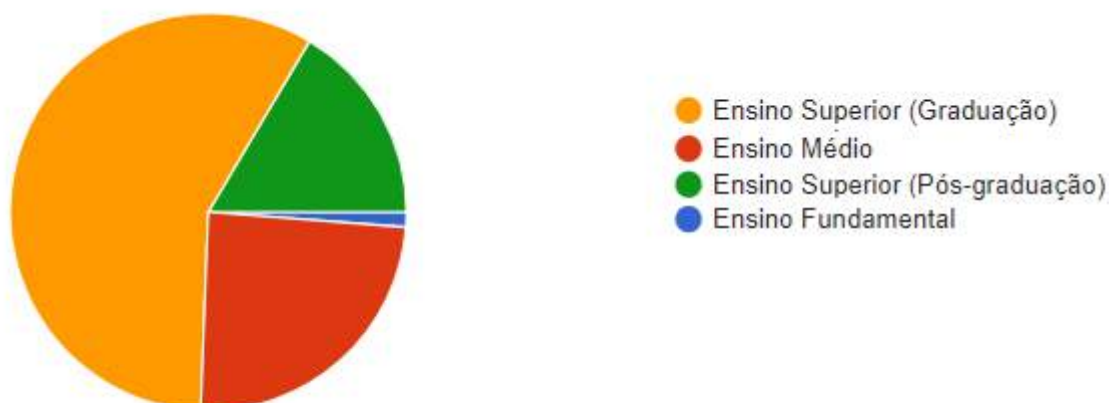
Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com as respostas recebidas os públicos com maior participação no questionário declararam ter, respectivamente, as faixas etárias de 18 a 24 anos (50,6%), 25 a 39 anos (37,2%) e 40 a 59 anos (8,5%). O público menor de 18 anos se manteve presente nos resultados, representando 3% da população analisada e, por fim, uma pessoa declarou ter

idade acima de 60 anos (0,6%). Fundamentando-se nas respostas, foi possível perceber que a temática de transição capilar tem sido buscada com maior frequência por grupos de jovens adultos na medida em que os temas vem ganhando força em grupos com essa idade. Ao mesmo tempo, nota-se que a procura por este termo também pode estar começando a acontecer por pessoas em uma idade mais avançada, assim como o interesse por este assunto pode estar sendo percebido em um público ainda menor de idade.

Tendo o objetivo de mapear o nível de escolaridade das pessoas ativas nestes grupos e relacionar o nivelamento de ensino com as possíveis interações e métodos de busca, ou seja, os contextos nos quais as pessoas destas faixas podem estar inseridas e as práticas informacionais características de pessoas em um grupo etário específico, também foi perguntado o nível de escolaridade das participantes. Ao fazer esta pergunta, não havia interesse em saber, por exemplo, se o nível de escolaridade da pessoa se encontrava completo, em curso ou incompleto. O único ponto importante para a pesquisa se tratava de ter uma noção básica do nível de escolaridade de cada contribuinte de modo que se pudesse identificar as características da comunidade que compôs a amostra. Conforme apresentado no gráfico 4, a maioria das respondentes declarou estar cursando, ter ou não concluído o Ensino Superior em nível de graduação (95 respondentes, registrando 57,9%), não importando qual curso cada pessoa teria estudado. O segundo público com maior adesão às respostas apontou seu nivelamento no Ensino Médio (40 respondentes, correspondente a 24,4%). Ainda apareceram nos resultados pessoas afirmando ter o Ensino Superior (Pós-graduação) como seu nível de escolaridade (27 respondentes, contabilizando 16,5%) e duas respondentes que declararam se encontrar na faixa do Ensino Fundamental (1,2%). Se fez possível perceber que as pessoas ativas no grupo possuem uma gama variada de níveis de escolaridade e que, provavelmente, este fator venha a contribuir para que todas compreendam que pessoas com diferentes níveis de ensino podem ter as mesmas demandas informacionais e formas muito similares ou diferenciadas de fazer suas buscas. Ou seja, a demanda informacional e o processo existente por trás das práticas informacionais de um grupo pode ser moldado por um objetivo comum, mas não possui influência direta do grau de escolaridade de cada pessoa que constitui aquela comunidade.

Gráfico 4: Níveis de escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora.

Como o foco do estudo encontrava-se direcionado às mulheres negras, algumas perguntas apresentadas tiveram o objetivo de confirmar se as respondentes de fato se encaixavam na amostra populacional buscada. A primeira pergunta, referente ao sexo de cada respondente, teve resposta unânime das participantes. Conforme apresenta o gráfico 5, todas declararam ser do sexo feminino, o que era esperado, visto que o estudo tinha como enfoque apenas este público, que havia sido selecionado como amostra populacional para o trabalho. Com tal resultado, foi possível confirmar a grande participação do público feminino nestes ambientes de interação. Tal resultado não exclui a possibilidade de ambos os grupos também possuírem pessoas do sexo masculino em sua composição, mas afirma que, as pessoas participantes de fato não se identificavam nem se reconheciam como pertencentes ao sexo masculino.

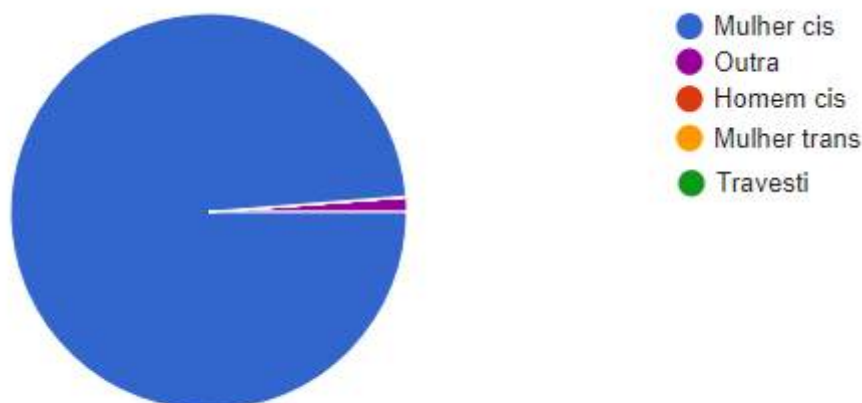
Gráfico 5: Sexo



Fonte: elaborado pela autora.

De forma a complementar as questões relacionadas ao sexo da comunidade de respondentes também foi perguntado como cada pessoa se identificaria ou se reconheceria, saindo da visão básica determinante da binariedade entre masculino e feminino. Antes de prosseguir com as interpretações, vale lembrar este estudo não tem o objetivo de se aprofundar em discussões de gênero, mas que, de todo modo, visa respeitar a forma como cada pessoa se identifica e como espera ou gostaria de se ver identificada pelas pessoas ao seu redor. Por este motivo, a pergunta foi feita e, para ajudar no momento de identificação de cada pessoa foi apresentada uma breve definição dos termos usados nas alternativas, abrangendo definições sobre formas de interpretações encontradas de mulher e do feminino através das identidades de gênero.

Gráfico 6: Identificações de gênero



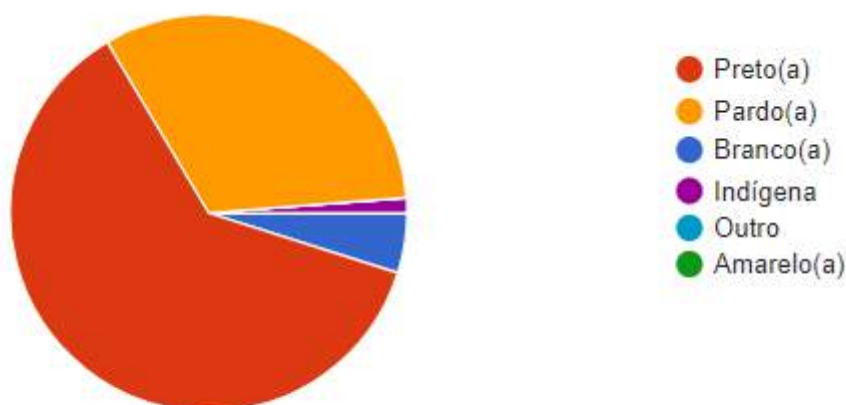
Fonte: elaborado pela autora.

Conforme o gráfico 6 apresenta quase todas as respondentes (162, o equivalente a 98,8% das contribuintes) se declararam como mulheres cis. No questionário, a mulher cis foi definida como a pessoa que foi registrada como mulher ao nascer e que, ao crescer, continuou se reconhecendo como mulher (JESUS, 2002). Nas demais alternativas, também foram apresentadas as definições de homem cis (indivíduo registrado como homem ao nascer e que, em seu crescimento, continuou se reconhecendo como homem) (JESUS, 2002), mulher trans (registrada como homem ao nascer, mas que se reconheceu como mulher conforme seu desenvolvimento e amadurecimento) (JESUS, 2002) e travesti (pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homem ou mulher, preferindo se ver como pertencentes a um terceiro gênero ou como uma pessoa sem gênero definido) (JESUS, 2002), mas nenhuma destas opções foi selecionada pela amostra populacional da pesquisa. De todo modo, duas pessoas (1,2%) não se viram contempladas por nenhuma das classificações mencionadas e preferiram então se manter como outra identificação, que ficaria em aberto de modo a reconhecer que as representações são complexas e podem identificar mais ou menos aspectos no que se referem às características sociais e dos indivíduos. Esse fator mostra que as classificações relacionadas a sexo e gênero que são apresentadas às pessoas ainda geram subjetivas interpretações. Os resultados também apontam que as identificações sobre o público que se reconhece como feminino devem ser respeitadas, levando em consideração contextos sociais e culturais específicos de cada pessoa.

Ainda observando relações feitas por cada pessoa de acordo com interpretações da opinião coletiva e pessoal, foi questionado como cada pessoa definiria sua raça ou cor se

embasando em padrões de classificação determinados por uma instituição. O objetivo desta questão se baseava em verificar se a forma de autodeclaração das pessoas se alteraria de acordo com o andamento das questões.

Gráfico 7: Definições de raça/ cor



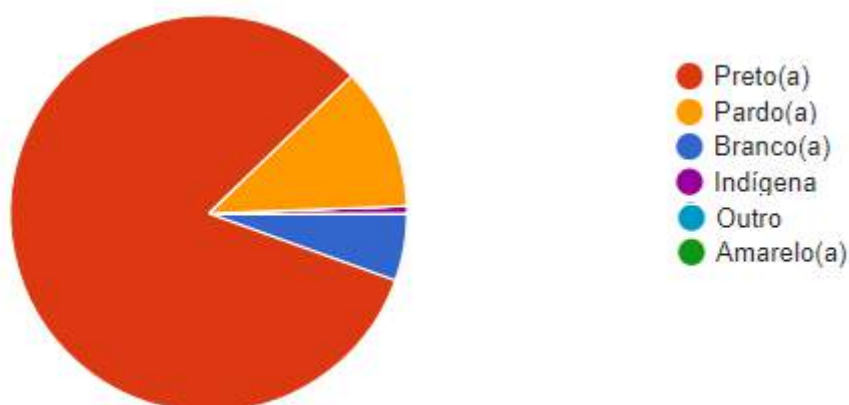
Fonte: elaborada pela autora.

Das participantes do questionário, 101 respondentes se declararam pretas (61,6%), 53 se declararam pardas (32,3%), 8 se declararam brancas (4,9%) e 2 se declararam indígenas (1,2%). Visando evitar distorções no momento de interpretação de cada uma das classificações, foram apresentadas as definições das pessoas classificadas como pardas, (mulatas, caboclas, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com uma pessoa de outra cor ou raça) (IBGE, 1999), amarelas (pessoas de ascendência oriental) (IBGE, 1999) e indígenas (pessoas que se declaram como indígenas ou índias) (IBGE, 1999). Apesar de não terem sido apresentadas classificações sobre pessoas que se classificariam como brancas ou pretas devido a falta de definições encontradas pelo sistema utilizado como base nas classificações deste estudo, as alternativas tiveram adesão do público em seus resultados. Nesta questão, o esperado era encontrar pessoas que se declarassem apenas como pretas ou pardas, visto que este era o público apontado como constituinte dos grupos escolhidos para o trabalho, mas a surpresa surgiu em duas amostras que se declararam como brancas e indígenas. Cabe ressaltar que nenhuma pessoa se declarou como amarela.

Novamente buscando fazer um contraponto entre as interpretações com base nas observações coletivas e pessoais, na questão seguinte foi perguntado como a pessoa se reconhecia ou se identificava perante a sociedade, independente do que fosse cunhado e

classificado por qualquer instituição. O objetivo desta pergunta era conferir se a forma como as pessoas se reconhecem pode ser diferente da forma como elas são vistas e definidas por olhares de outros indivíduos. O gráfico 8 aponta os resultados coletados.

Gráfico 8: Identificações pessoais de raça/ cor



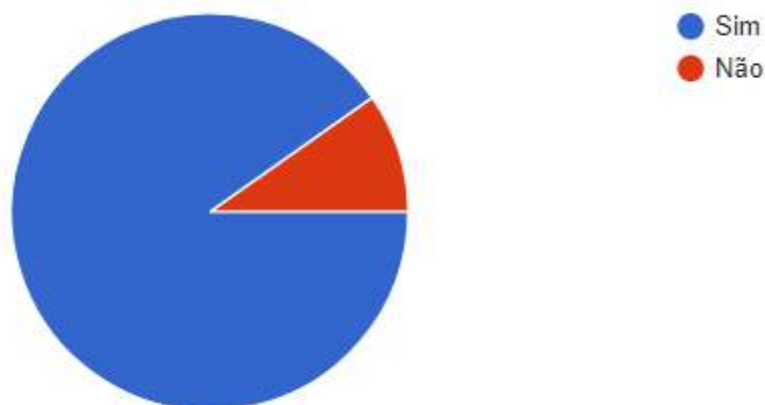
Fonte: elaborada pela autora.

O contraste em relação à pergunta anterior surgiu em três pontos. Das 164 respondentes consultadas, 135 se declararam como pretas (82,3%), 19 se declararam pardas (11,6%), 9 se afirmaram como brancas (5,5%) e apenas 1 se declarou como indígena (0,6%). Foi percebido que, em comparação à questão anterior, mais pessoas se reconhecem como negras do que como pardas. Do mesmo modo, uma pessoa a mais se identificou como branca e uma pessoa afirmou não se reconhecer exatamente como indígena. Apesar deste estudo não ter como foco a discussão sobre as formas de identificação étnico-raciais de cada pessoa, este é um ponto que merece ser considerado para estudos futuros, pois, conforme foi aqui apresentado, as identificações de raça/ cor de cada pessoa representam a subjetividade (questões individuais) e intersubjetivas (questões internacionistas) e, por isso, podem ter diferentes associações. Uma pessoa pode fazer sua classificação com base na perspectiva de observação coletiva, baseando-se apenas no que pode ser visto de modo externo, como a cor da pele, ou pode se embasar no contexto sociocultural que uma pessoa se encontra inserida, observando ascendências da árvore genealógica e outros fatores internos.

A questão seguinte iniciou o bloco de perguntas sobre as práticas informacionais e, para isso, foi apresentada a definição sobre transição capilar utilizada neste estudo e, logo em seguida, foi perguntado se o público em questão buscava informações sobre tal assunto. Neste momento, o objetivo esperado se baseava em ter uma porcentagem unânime de respostas

positivas, mas os resultados revelaram que uma parcela das pessoas presentes nestes grupos não buscava necessariamente por este tipo de informação.

Gráfico 9: Pessoas que buscam informações sobre transição capilar

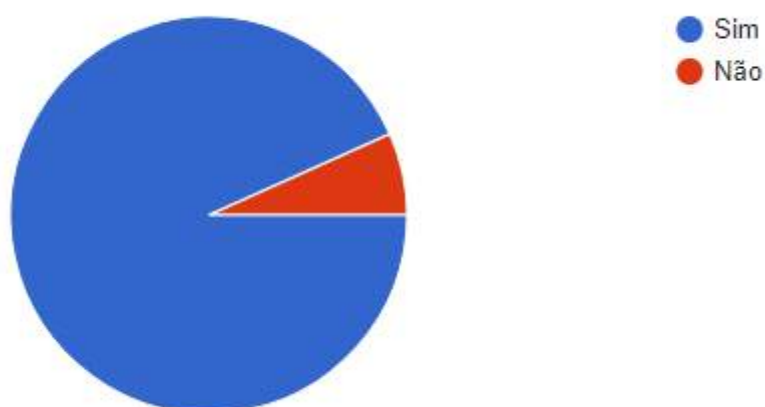


Fonte: elaborada pela autora.

Enquanto 148 respondentes declararam buscar informações sobre o assunto (90,2%), 16 afirmaram não fazer buscas sobre o tema (9,8%). Isso mostra que nem todas as pessoas constituintes destes grupos tenham interesse ou algum tipo de demanda informacional relacionado ao tema transição capilar, o que apresenta-se como curiosidade na medida em que, se observado a partir da prática, a informação se dá na interação. Visto que, em meio às discussões destes espaços, surgem discursos e debates sobre assuntos com maior ênfase em questões sociais e étnico-raciais, é possível afirmar que a quantidade de temáticas buscadas e abordadas nestes espaços é muito extensa.

O formulário também questionou ao público sobre o hábito de busca por informações, visando confirmar se havia um nível expressivo de pessoas que buscassem pelas informações relacionadas a transição capilar na web. De 164 respondentes, 153 afirmaram buscar sobre o assunto na internet (93,3%), enquanto 11 declararam não recorrer à web para buscar por esta temática (6,7%). Este resultado deixa em aberto a suposição destas pessoas possivelmente fazerem suas buscas em outros lugares ou não demonstrarem interesse em buscar por informações relacionadas à transição capilar.

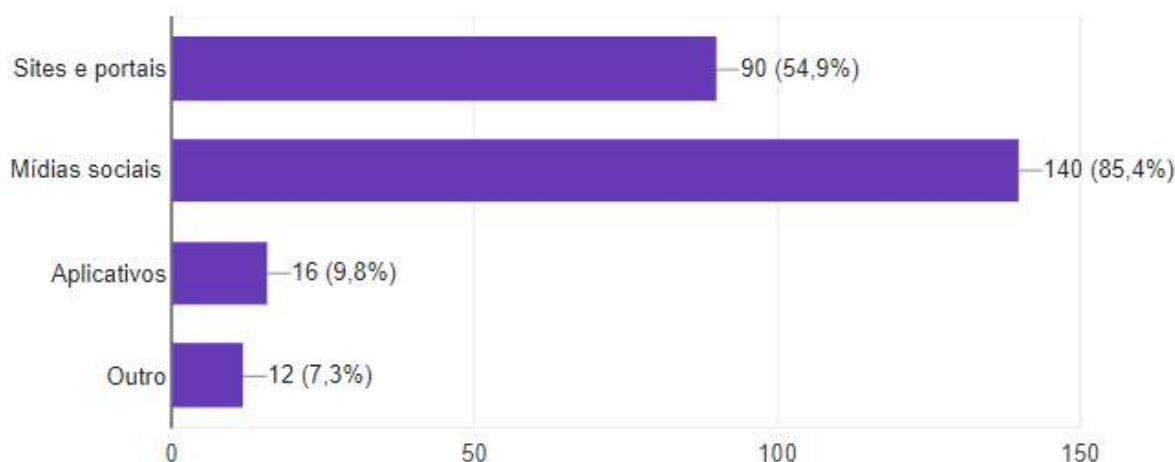
Gráfico 10: Pessoas que buscam sobre transição capilar na internet/ web



Fonte: elaborado pela autora.

A comunidade também foi questionada sobre quais seriam as fontes mais utilizadas em suas buscas, visando compreender quais espaços e ambientes tem sido vistos como preferência das respondentes. Pensando que uma pessoa pode recorrer a diversos recursos para recuperar informações que melhor lhe contemplem, nesta pergunta, foi permitida a seleção de mais de uma opção na resposta. De todas as respostas percebidas, 140 pessoas declararam buscar pelas informações diretamente em mídias sociais (85,4%). Este foi o resultado mais expressivo da questão. Ao público, foram apresentados como exemplos de mídias sociais o Facebook, Twitter, Instagram, Vimeo, Youtube, entre outros. Nas demais opções, 90 respondentes afirmaram buscar tais informações em sites e portais (54,9), enquanto 16 declararam ter preferência pela busca direta em aplicativos (9,8%) e 12 afirmaram fazer suas buscas em outras fontes de informação (7,3%), conforme apresenta o gráfico 11.

Gráfico 11: Fontes mais buscadas

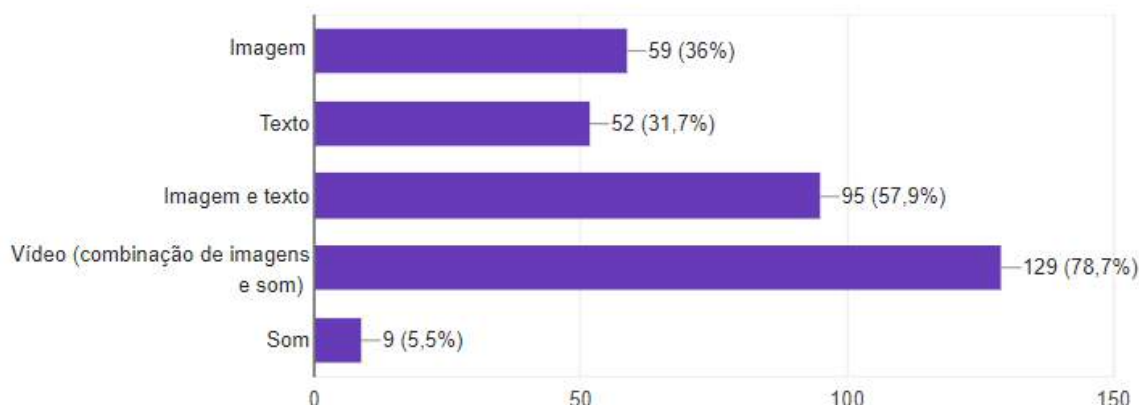


Fonte: elaborada pela autora.

Observando os dados coletados, foi possível perceber que o público tem dado preferência às mídias sociais no processo de busca por informações, mas que outras fontes não tem perdido sua importância. Talvez a preferência pelas mídias sociais possa ser associada ao fato das mesmas agruparem conteúdos em diversos formatos, produzidos por pessoas que, mesmo possuindo competências específicas adquiridas no decorrer de suas trajetórias, possuem faixas etárias diversas, assim como níveis de conhecimento, embasamentos e contextos sociais plurais.

Na questão seguinte, foi questionado quais tipos de conteúdo eram vistos como preferidos pelo público. Novamente, foi deixado em aberto a possibilidade de selecionar múltiplas opções. De todas as alternativas apresentadas, conforme ilustra o gráfico 12, o conteúdo em vídeo foi definido como um dos preferidos de ambas as comunidades, sendo selecionado por 129 respondentes (78,7%). Os conteúdos em imagem e texto apareceram em segundo lugar, tendo sido selecionados por 95 pessoas (57,9%). As informações em formato imagético foram escolhidas por 59 (36%), sendo seguidas das produções em formato apenas textual (52 declararam ter preferência por este conteúdo, correspondendo a 31,7% dos dados coletados) e dos conteúdos em apenas som, lembrados por 9 respondentes (5,5%).

Gráfico 12: Tipos de conteúdo preferidos pelo público



Fonte: elaborado pela autora.

Desse modo foi possível perceber que os conteúdos em vídeo tem expressiva preferência pela comunidade, assim como as produções informacionais que utilizam recursos midiáticos para além do texto tem se destacado no gosto do público. Os conteúdos que mesclam um pouco de cada recurso trazem combinações que podem auxiliar na simplificação da transmissão de mensagens ao público, deixando-as mais dinâmicas. Supõe-se que a preferência pelas produções no formato de vídeo se justifiquem pela praticidade de acompanhar uma discussão sobre determinado assunto por meio da oratória da pessoa produtora e disseminadora do conteúdo, além de relacionar-se com as características da faixa etária ou dos acessos possíveis em função da localização regional de cada pessoa no país. Os recursos multimídia também podem ser grandes auxiliares no processo de aprendizagem coletiva de faixas etárias diversas pela capacidade de mostrar de forma explícita o modo como determinada pessoa executa uma prática, auxiliando a comunidade espectadora de todo o conteúdo a observar criticamente, aprender junto e avaliar formas de adaptar o que foi absorvido para uso em seu cotidiano, assim como aprimorar e disseminar a palavra para mais públicos (ZATTAR, 2017).

Tem-se também, trazendo à tona o conceito da *metaliteracy* e da competência em mídia e informação, os conteúdos citados nesta questão que mostram como as pessoas já competentes em mídia e em informação acabam contribuindo de forma expressiva na difusão de informações e formação de novos indivíduos competentes, metaliteratos e propensos a se tornarem produtores de informação nestes espaços de aprendizagem coletiva.

A questão seguinte tinha como objetivo compreender quais termos as respondentes utilizavam para fazer suas buscas relacionadas a transição capilar. Esta questão foi deixada

como aberta com o objetivo de ter maior conhecimento sobre como cada pessoa trabalha o uso de termos no momento de busca e o reconhecimento das afinidades temáticas ou preferências terminológicas ou de outros tipos de representações. No total, as respostas apresentaram aproximadamente 200 termos, que foram reunidos na nuvem de tags feita no aplicativo online Word Clouds⁴.

Figura 2: Nuvem de termos relacionados a transição capilar



Fonte: elaborada pela autora.

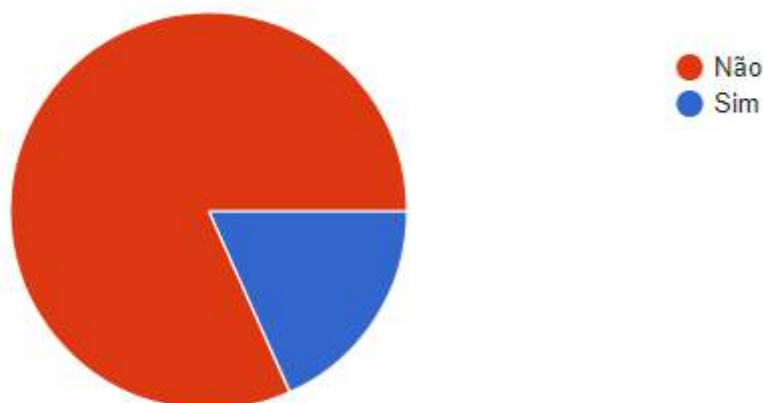
Visto que cada respondente apontou, no mínimo, uma palavra-chave utilizada, muitos termos se repetiram. Para simplificar, a nuvem de *tag* destacou as palavras apresentadas com maior frequência nas respostas. No momento de organização da nuvem de *tags*, as palavras-chave foram reunidas e associadas de acordo com sua natureza sinônima. Os tópicos mais apontados pelo público nas buscas se referiam especificamente a relatos de experiência, rotinas de cuidado e manutenção da estrutura capilar, seja antes, durante ou após o processo de transição. Também apareceram palavras referentes a texturas específicas de cabelo, conforme apontadas na escala de Walker (201?), o que demonstra que a terminologia por ele apresentada tem se popularizado e ganhado aceitação do público para facilitar no processo de identificação dos fios capilares. A palavra ‘*big chop*’ teve muito destaque em relação às demais, sendo mencionada com sua sigla BC ou por extenso. Antes de seguir para

⁴ Disponível em: <http://www.abcya.com/word_clouds.htm>. Acesso em: 27 jun. 2018.

interpretações, vale definir que o *big chop* é uma expressão em inglês que, traduzida, significa grande corte e é definida como o ato de retirada de toda a química do cabelo de uma só vez por meio do corte dos fios (DALTRO, 2016). Além do termo ‘transição capilar’ ter aparecido com frequência, o termo ‘cabelo crespo’, ou apenas ‘crespo’, foi bastante apresentado pelas respondentes, se destacando em relação a outros termos. Deste modo, supõe-se que na perspectiva informacional, as buscas destas comunidades pelas informações relacionadas à transição capilar se encontram mais voltadas ao processo de encorajamento e incentivo à aderência, reforçando o reconhecimento e busca pelo amor, zelo e aceitação do cabelo crespo, influenciando nos aspectos de construção da identidade por meio das interações com os conteúdos recuperados nas buscas e interpretações pessoais (SILVEIRA, 2017).

Seguindo com o questionário buscou-se observar dois critérios enunciados no campo de estudos da informação para avaliação de fontes de informação de modo que fosse possível identificar aqueles que influenciam na prática informacional. Assim, a penúltima pergunta apresentada teve como objetivo conferir se a autoria era vista como um critério fundamental no processo de busca e seleção de informações para o público. Conforme apresentado no gráfico 13, 134 pessoas responderam que não (81,7%) e 30 responderam que sim (18,3%), o que possibilitou perceber que não existe preferência pela busca de informações elaboradas por um autor específico. De fato, o que aparenta ter real importância não é a pessoa específica que publicou ou outros sujeitos (as) que possuem responsabilidade intelectual sobre determinada informação, e sim o conteúdo e sua forma de apresentação ao público.

Gráfico 13: Você procura por alguém específico como autor dos conteúdos?

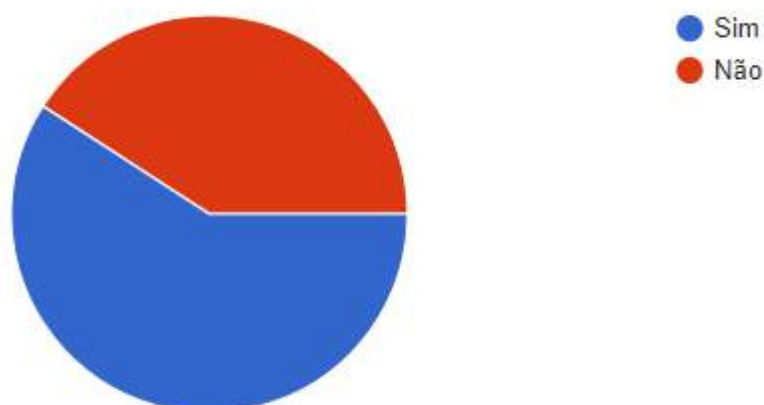


Fonte: elaborado pela autora.

Este caso comprova que a atividade da produção e disseminação colaborativa de informações valoriza mais a essência do conteúdo compartilhado do que a autoridade que propaga tal discurso. Ou seja, pelo bem do avanço e amplo conhecimento de diversas ciências, todo indivíduo que apresente um conteúdo que tenha apenas reflexões pessoais ou interpretações de estudos embasados em outras referências poderá ter peso de autoridade e impacto similar ao aferido a outros pesquisadores. Isto porque para o público ativo nestes ambientes de interação online, o critério de autoria não possui uma classificação especificada e nem segue conceituações genéricas, pois se foca em um conjunto de fatores que consiste em habilidades, interpretações e forma de discursar sobre o assunto para públicos de níveis de conhecimento distintos (SPINAK, 2014).

Por último, visando levantar a questão de temporalidade da informação, foi perguntado se as pessoas observavam a data do conteúdo encontrado no momento de fazer as buscas. O resultado desta pergunta foi surpreendente se comparado às respostas sobre autoridade, por exemplo. Mais da metade das respondentes (97 pessoas, o correspondente a 59,1%) afirmou observar a data, enquanto uma parcela de 40,9% participantes (67) informou não observar a data de publicação do conteúdo ao recuperar uma informação de seu interesse.

Gráfico 14: Importância aferida à data do conteúdo encontrado



Fonte: elaborado pela autora.

Embasando-se nas respostas apresentadas, se faz possível deduzir que os usuários destes espaços possam selecionar as informações buscadas de acordo com a data em que o conteúdo foi publicado. Observando a temporalidade, pode-se confirmar se determinada informação é aplicável na atualidade independente do período em que foi publicada. Isso se justifica pela ideia de que o fato de uma informação ser considerada atual não significa necessariamente que ela seja um conteúdo publicado recentemente. Ou seja, há informações antigas que podem ser consideradas atuais embasando-se em diversos contextos e, do mesmo modo, nem sempre um conteúdo novo pode ser, de fato, atual. Levando em consideração o critério de data, também é possível supor que a verificação de temporalidade se faça pensando que os indivíduos busquem saber o que tem sido comentado em épocas diferentes sobre um mesmo assunto.

O estudo teve como objetivo descrever a prática informacional de mulheres negras em suas buscas sobre transição capilar, com a finalidade de identificar fontes de informação utilizadas por este público, assim como quais temas e termos são utilizados nas pesquisas, fazendo relações destes processos de busca com as noções de prática informacional, competência em mídia e informação, *metaliteracy*, competência em informação e identidade. Após a análise dos dados obtidos e interpretados, foi possível constatar que os objetivos geral e específicos foram alcançados, trazendo considerações de destaque sobre as terminologias adotadas, fontes preferidas pelo público, tipos de conteúdo mais buscados e os critérios adotados para selecionar determinada informação, levando em consideração autoridade e temporalidade. Foi percebido que, das terminologias utilizadas, os assuntos relacionados a transição capilar buscados com maior intensidade se referem especificamente aos tipos de

textura capilar pertencentes ao grupo de classificação dos cabelos crespos (4A, B e C) (WALKER, 201?). Supõe-se que nem todas as pessoas que afirmaram buscar informações sobre o assunto estejam passando ou tenham passado pelo processo de transição e que os grandes fatores que impulsionem as atitudes de busca se relacionem com o processo de encorajamento e busca por estímulos para aderir ao processo.

Relacionando com as temáticas do referencial teórico, é possível afirmar que a população que busca pelas informações já adere a uma certa padronização de termos em seu processo de busca, mostrando que as pessoas tem desenvolvido competências e disseminado-as nos ambientes de interação online em que se encontram inseridas, colaborando assim para a formação de mais pessoas metaliteratas, com caráter crítico, propensas a aprender a aprender e a compartilhar conhecimentos e experiências em prol do aprendizado e crescimento das comunidades. Destaca-se que as informações buscadas possuem conteúdos plurais e que, de certo modo, um tipo de informação acaba levando a outro através das discussões socioculturais existentes por trás dos discursos repassados sobre as temáticas correlatas à transição capilar.

Também foi possível perceber que as afirmações identitárias das pessoas se mantêm fortes independente de suas faixas etárias e que nem sempre a forma como a sociedade identifica e classifica as pessoas, seja por raça/cor, sexo ou gênero, condiz com a forma que as pessoas de fato se enxergam no mundo.

7 CONCLUSÃO

O estudo se mostra importante para contribuições em estudos da Biblioteconomia ao trazer destaques que podem colaborar com observações por meio de uma perspectiva social que considere fatores culturais, sociais, históricos, psicológicos e antropológicos. A pesquisa também demonstra sua importância e relevância ao destacar a ideia de que as mídias sociais podem ser vistas como fontes de informação pelos indivíduos que fazem buscas na internet e que, tratando-se das noções abordadas sobre prática informacional e identidade, foi possível perceber uma relação direta entre os dois termos, pensando que, do mesmo modo que a informação é vista na prática informacional como uma construção social, todo o processo que envolve a formação de identidade de um ou mais sujeitos também pode ser visto como uma construção social, abordando a reunião de fatores sociais e culturais.

Tratando-se de contribuições para a formação em Biblioteconomia, o estudo possibilitou observar que o (a) profissional bibliotecário (a) pode atuar em diferentes espaços, auxiliando a comunidade nos processos e práticas informacionais e promovendo a competência em mídia e em informação de modo que possibilite, por exemplo, aperfeiçoar seus processos de busca, estudo e uso das informações, mostrando a importância do comprometimento em analisar criticamente tudo que é pesquisado antes de disseminar para demais pessoas. Desse modo, nota-se que pequenas ações cotidianas podem contribuir para a formação de uma sociedade com conhecimentos disseminados de forma mais democrática, consciente, respeitadora, empática e competente em informação.

Sobre as dificuldades encontradas na execução deste estudo indica-se que a maior delas se encontrou no período curto da coleta de dados no momento de solicitação de participação, pois a moderação, aprovação e divulgação da pesquisa não era instantânea, o que não permitiu que todos os grupos que eram esperados inicialmente pudessem participar nas contribuições do estudo. Deste modo, a amostra populacional participante, apesar de ter sido receptiva e interessada em contribuir, foi menor do que o esperado. Algumas pessoas também declararam ter dificuldade na compreensão de algumas questões do formulário de pesquisa ou questionaram tópicos sobre cor/raça, sexo e gênero, visando compreender as classificações apresentadas e trazendo um destaque sobre a limitação de classificações existente em relação à gama extensa de identificações pessoais que existe na sociedade.

Para estudos futuros, aponta-se a possibilidade de análise das outras etapas referentes às práticas informacionais, tais como uma observação mais aprofundada sobre o processo de seleção, uso e disseminação de informações nos ambientes de interação online. Também se

sugere observar os objetivos existentes nestas comunidades ao trabalhar com o estudo e discussão das informações relacionadas a transição capilar, ou seja, as questões que podem identificar os valores e propósitos do grupo encontram-se presentes no fomento de tais discussões e quais intenções de contribuição para a sociedade podem ser percebidas. Também se vislumbra a possibilidade de ampliar o estudo para outras comunidades e compreender as práticas e processo de ganho de competências em mídia e informação especificamente com as pessoas que produzem conteúdo para as mídias digitais como, por exemplo, perfis no Instagram e Youtube.

Sugere-se para estudos futuros a possibilidade de observar as práticas informacionais de temáticas extras apresentadas pelos grupos, como por exemplo o feminismo negro, e formas de trabalhar a competência em informação com ênfase nesta temática, incentivando a construção de conhecimento e autonomia crítica no público mais jovem (com idade inferior a 13 anos) e acima de 60 anos.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College and Research Libraries. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ACRL, 2016. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/ilFramework>>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College and Research Libraries. **Presidential Committee in Information Literacy: Final Report**. Chicago: ACRL, 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/publications/whitepapers/presidential.cfm>>. Acesso em: 5 set. 2017.
- BORGES, J.; BRANDÃO, G. Evolução contexto-conceitual das competências infocomunicacionais. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 75-86, mar./ago. 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51057>>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- ANDRE WALKER HAIR. **African-american & kinky hair types**. [S.l.], [201?]. Disponível em: <<https://www.andrewalkerhair.com/whats-my-hair-type/african-american-kinky-hair-types/>>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- FERRARI, E; ASSIS, J. A dimensão informacional da transição capilar: identidade e empoderamento nas mídias sociais. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, Londrina, v. 4, n. 1, p. 74-95, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/69/pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BREIVIK, P. S.; GEE, E. G. **Information literacy: revolution in the library**. New York: Collier Macmillan, 1989.
- BRUCE, C. S. **Seven faces of information literacy**. Adelaide: Aslib, 1997.
- CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p.47-55, 2000.
- CARTA de Marília. In: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: cenários e tendências. 3., 2014, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: UNESP, 2014. Não paginado. Disponível em: <http://www.lti.pro.br/userfiles/downloads/CARTA_de_Marilia.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2017.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CERIGATTO, M. P; CASARIN, H. C. S. As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 155- 176, jan./jul. 2017.

D'ADESKY, J. E. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e antirracismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DALTRO, L. M. **Yes, we can**: a transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157345/001013072.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Sistema de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. 24, 2011, Maceió. **Anais...** Maceió: FEBAB, 2011. Não paginado. Disponível em: <<http://www.fci.unb.br/phocadownload/declaracaomaceio.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

DOYLE, C. S. **Information literacy in an information society**: a concept for the information age. New York: Syracuse University, 1994.

DUDZIAK, E. A. Infomation literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

DUDZIAK, E. A.; FERREIRA, S. M. S. P; FERRARI, A. C. Competência informacional e midiática: uma revisão dos principais marcos políticos expressos por declarações e documentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. Especial, p. 213-253, jan./jul. 2017.

FACEBOOK. **Encrespando por Meninas Black Power**. [S.l.], 2018a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/encrespandombp/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FACEBOOK. **Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional**. [S.l.], 2018b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/586068051452214/permalink/1849030668489273/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FACEBOOK. **Meu cabelo tipo 4 natural**. [S.l.], 2018c. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/meucabelotipo4/permalink/824888631044150/>>. Acesso em: 29 jun.2018.

GASQUE, K. C. G. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002.

_____. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra/Body and hair as symbols of black identity**. Santa Catarina: UDESC, 2002. Disponível em:

<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

GOOGLE. **Dossiê BrandLab**: a revolução dos cachos. [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/revolucao-dos-cachos/>>. Acesso em: 1 out. 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

HAMELINK, C. An alternative to news. **Journal of Communication**, New York, NY, v. 26, n. 4, p. 120-123, 1976.

HORTON JÚNIOR, F. **Overview of information literacy resources worldwide**. Paris: Unesco, 2013.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios – PNAD 1999**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/metodologia99.shtm>>. Acesso em: 20 jun. 2018

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **The Moscow Declaration on Media and Information Literacy**. Moscow, 2012. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/moscow-declaration-on-mil-en.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

_____. **Ipea apresenta dados de vulnerabilidade social por cor, sexo e domicílio**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30790&catid=1&Itemid=7>. Acesso em: 28 nov. 2017.

JACOBSON, T. E.; MACKEY, T.P. Proposing a metaliteracy model to redefine information literacy. **Communications in Information Literacy**, Buffalo, NY, v. 7, n. 2, p. 84-91, 2013.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2 ed. Brasília, 2012.

KUHLTHAU, C. K. **Information skills for an information society**: a review of research. Syracuse, NY: Syracuse University, 1987.

LEE, A. Y. L.; SO, C. Y. K. Media Literacy and Information Literacy: Similarities and Differences. **Comunicar**: Media Education Research Journal, España, v. 21, n. 42, p.137-145, 2014.

MACKEY, T. P.; JACOBSON, T. E. **Metaliteracy**: Reinventing information literacy to empower learners. American Library Association, 2014.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Sistema de Informação,

Multiculturalidade e Inclusão Social. 25, Florianópolis, 2013. **Anais...** Florianópolis: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, 2013. Não paginado. Disponível em: <http://febab.org.br/manifesto_florianopolis_portugues.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

MCKENZIE, P. J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

OWENS, M. R. State government and libraries. **Library Journal**, v. 101, n. 1, p. 19-26, jan.1 1976.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. U. P. O. A. C. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, 2017. DOI:10.19132/1808-5245231.36-61. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/21457>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

ROMEIRO, N.; SILVA, F. C. G. A folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no facebook: avaliação da hashtag #mexeucumamexeucumtodas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Online first, 2018, p. xx.

ROOS, A. **Information practices in Biomedicine: a domain analytical approach**. Helsinki: Hanken School of Economic, 2016.

ROSENTHAL, A. Raising hair. **Eighteenth-Century Studies**, Baltimore, Md. v. 38, n. 1, p. 1-16, 2004.

SANTOS, H. P. Etiquetagem e folksonomia: o usuário e sua motivação para organizar e compartilhar informação na Web 2.0. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.2, p.91-104, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n2/07.pdf>>. Acesso em: 16 mai 2017.

SAPIÊNCIA, R. Ponta de lança (verso livre). In: SAPIÊNCIA, R. **Galanga livre**. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. Faixa 13.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995.

_____. Information behavior and information practice: Reviewing the “Umbrella Concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, v. 77, n. 2, 109–132, 2007.

SILVA, H. C. Competência informacional e midiática e a formação de professores de ensino fundamental: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/22626>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

SILVEIRA, L. L. **“Se baixarmos o ‘volume’, não vão nos ouvir”**: as apropriações do youtube e a performance das mulheres ‘crespas’ e ‘cacheadas’. 219 f. 2017. Dissertação

- (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24366/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Let%C3%ADcia%20Lopes%20da%20Silveira%20PosCom%20UFBA%20%28Bibliotec%29.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- SPINAK, E. **Os créditos de autor... autor do quê?**. SciELO em Perspectiva. 17 jul. 2014. Disponível em: <<https://blog.scielo.org/blog/2014/07/17/os-creditos-do-autor-autor-do-que/#.WzYBN9VKjiU>>. Acesso em: 29 jun. 2018.
- SOUZA, R. R. et al. **Aprendizagem colaborativa em comunidades virtuais**. 94 f. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78515/176216.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 maio 2018.
- SYNNOTT, A. Shame and glory: A sociology of hair. **The British journal of sociology**, London, v. 38, n. 3, p. 381-413, 1987.
- TALJA, S. The domain analytic approach to scholar's information practices. In: FISHER, K.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (Ed.). **Theories of Information Behavior**. Medford, N.J: Information Today, Inc., 2005. p. 123- 127
- TERRA, C. F. O que as organizações precisam fazer para serem bem vistas nas mídias sociais sob a ótica da comunicação organizacional e das relações públicas. In: CONGRESSO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS ABRAPCORP, 5, São Paulo. 2011. Anais.... São Paulo, 2011.
- UNESCO. **MIL CLICKS Pact**: Think critically and click wisely. 2018. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/mil_clicks_pact_english.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.
- WILSON, T. D. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, Bradford, v. 37, n.1, p. 3-15, 1981.
- ZATTAR, M. **Prática informacional em redes no domínio da governança da água**: um estudo sobre o processo de produção do conhecimento. 159 f. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Formulário de pesquisa: Práticas informacionais de mulheres negras

Você está sendo convidado (a) a participar como colaborador (a) da pesquisa "Práticas informacionais de mulheres negras" para o trabalho de conclusão do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG), elaborado por Gisete Araújo de Lima, sob orientação da docente Mariana Zattar.

Os procedimentos envolvidos neste estudo não devem proporcionar desconfortos, prejuízo ou riscos ao respondente. As informações aqui obtidas têm fins exclusivamente acadêmicos. O anonimato de cada respondente será preservado.

***Obrigatório**

Declaro que estou participando voluntariamente do presente estudo. *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Em qual região do Brasil você mora? *

- ☐ Norte
- ☐ Nordeste
- ☐ Centro-oeste
- ☐ Sudeste
- ☐ Sul

Qual a sua faixa etária? *

- ☐ Entre 14 a 17 anos.
- ☐ Entre 18 a 24 anos.
- ☐ Entre 25 a 39 anos.
- ☐ Entre 40 a 59 anos.
- ☐ Acima de 60 anos.

Qual a sua escolaridade? *

- ☐ Ensino Fundamental
- ☐ Ensino Médio
- ☐ Ensino Superior (Graduação)
- ☐ Ensino Superior (Pós-graduação)

Qual o seu sexo? *

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Prefiro não identificar

Qual seu gênero? *

- ☐ Mulher cis (registrada como mulher ao nascer e que, ao crescer, se reconheceu como mulher) (JESUS, 2002)
- ☐ Homem cis (registrado como homem ao nascer e que se reconheceu como homem) (JESUS, 2002)
- ☐ Mulher trans (registrada como homem ao nascer, mas que se reconheceu como mulher)(JESUS, 2002)
- ☐ Travesti (pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homem ou mulher, preferindo se ver como pertencentes a um terceiro gênero ou como uma pessoa sem gênero definido) (JESUS, 2002)
- ☐ Outra

Qual sua raça/ cor? *

- ☐ Branco(a)
- ☐ Preto(a)
- ☐ Pardo(a) (mulatas, caboclas, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com uma pessoa de outra cor ou raça) (IBGE, 1999)
- ☐ Amarelo(a) (pessoas de ascendência oriental) (IBGE, 1999)
- ☐ Indígena (pessoas que se declaram como indígenas ou índias) (IBGE, 1999)
- ☐ Outro

Tratando-se de raça ou cor, você se reconhece ou se identifica como: *

- ☐ Branco(a)
- ☐ Preto(a)
- ☐ Pardo(a)
- ☐ Amarelo(a)
- ☐ Indígena
- ☐ Outro

PRÓXIMA

Página 1 de 2

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

A transição capilar pode ser definida como o processo de retorno à textura natural do cabelo por meio do abandono do uso de produtos químicos que alteram a estrutura dos fios (ASSIS; FERRARI, 2017). Pensando nisso, você busca informações sobre transição capilar? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você costuma buscar por estas informações na internet/ web? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você costuma fazer estas buscas em: *

- ☐ Sites e portais
- ☐ Mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, blogs, Slideshare, Vimeo, etc.)
- ☐ Aplicativos
- ☐ Outro

Quais tipos de conteúdo você costuma buscar na internet? *

- ☐ Imagem (fotografias, animações) (TERRA, 2011)
- ☐ Texto
- ☐ Imagem e texto
- ☐ Vídeo (combinação de imagens e som) (TERRA, 2011)
- ☐ Som

Quais palavras você costuma usar para realizar sua pesquisa? *

Sua resposta

Nessas buscas, você procura alguém específico como autor (a) do conteúdo? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Nessas buscas, você observa a data do conteúdo encontrado? *

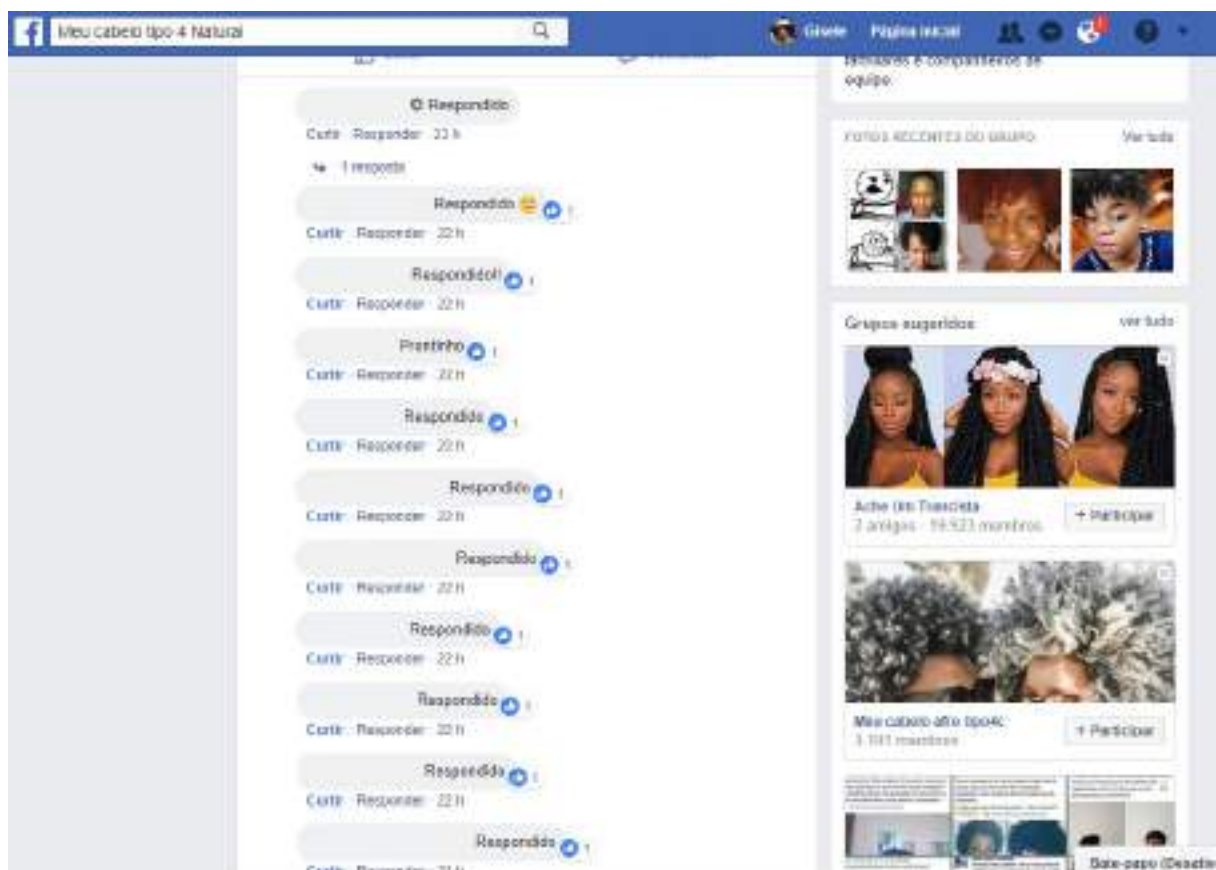
- ☐ Sim
- ☐ Não

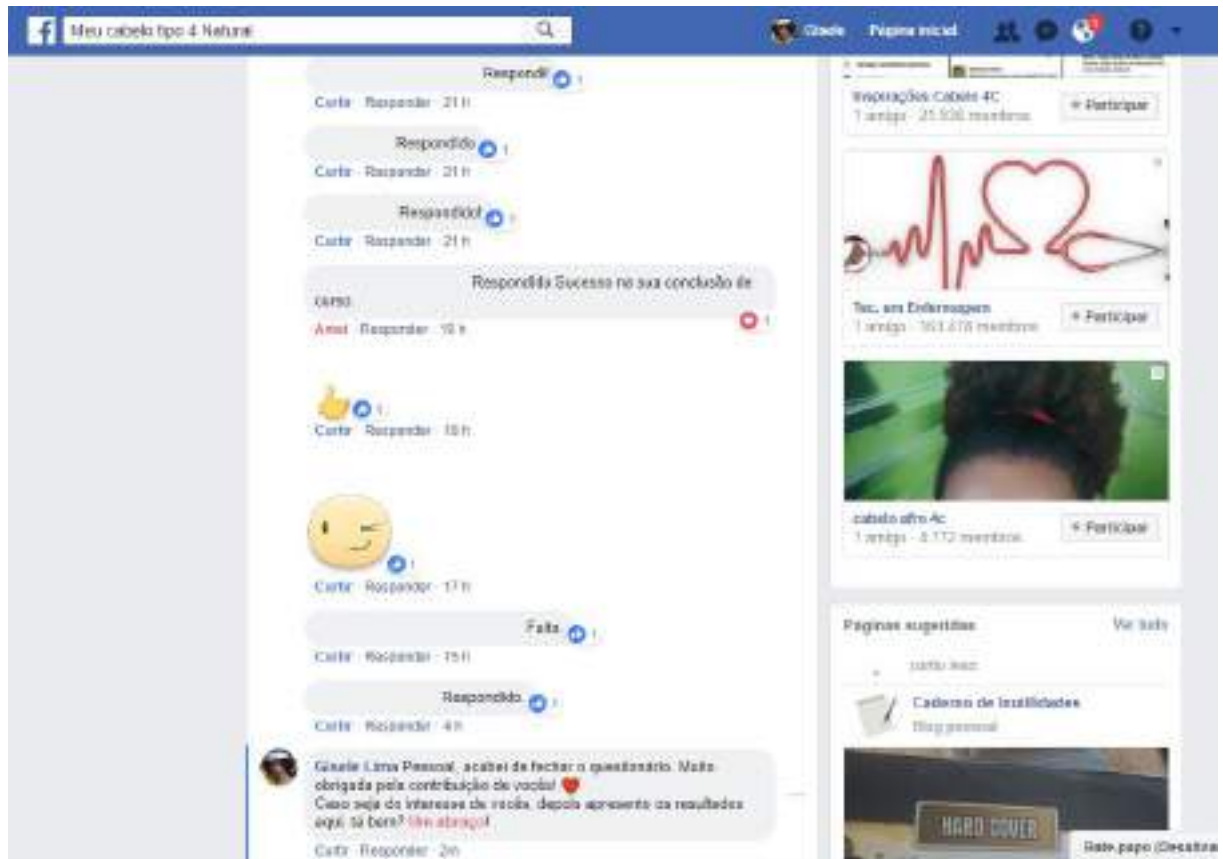
VOLTAR

ENVIAR

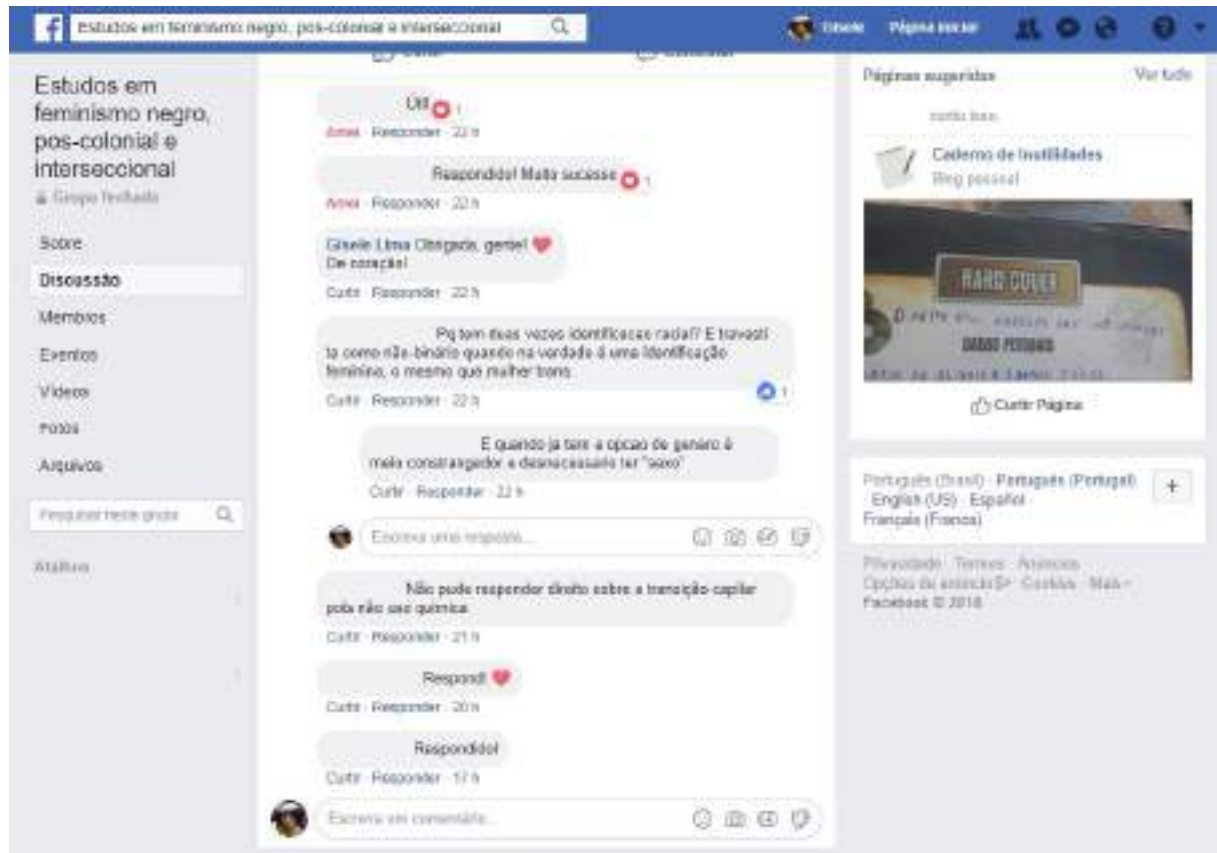
Página 2 de 2

ANEXO A – PÁGINAS DO FACEBOOK DOS GRUPOS





Fonte: Facebook (2018c).



Fonte: Facebook (2018b).